



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL DE VIGIA DE NAZARÉ (PA) -
UMA PERCEPÇÃO DO LUGAR SEGUNDO SEUS HABITANTES**

CAMILA TRINDADE DA CONCEIÇÃO

BELÉM - PARÁ

2019

CAMILA TRINDADE DA CONCEIÇÃO

**PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL DE VIGIA DE NAZARÉ (PA) -
UMA PERCEPÇÃO DO LUGAR SEGUNDO SEUS HABITANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, como
requisito para obtenção do título de Arquiteta e
Urbanista pela Universidade Federal do Pará sob
orientação da Prof^ª. Dr^ª Elna Maria Andersen
Trindade.

BELÉM - PARÁ

2019

CAMILA TRINDADE DA CONCEIÇÃO

**PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL DE VIGIA DE NAZARÉ (PA) - UMA
PERCEPÇÃO DO LUGAR SEGUNDO SEUS HABITANTES**

DATA: 17/12/2019

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dra. Elna Maria Andersen Trindade
Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

**Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias
Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

**Prof. Dr. Ronaldo Marques de Carvalho
Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

RESUMO

O trabalho propõe uma análise do patrimônio histórico da cidade de Vigia de Nazaré, através de uma abordagem preservacionista, arquitetônica e sociológica. A arquitetura da cidade de Vigia distingue-se por apresentar traços coloniais originários de uma ocupação portuguesa, sem deixar de lado a cultura indígena que já pertencia ao local. Por meio de análises documentais e pesquisas de campo, o objetivo do trabalho é divulgar a cidade e analisar de que maneira o patrimônio arquitetônico está sendo preservado para que a cultura da região tenha significância para as próximas gerações, uma vez que a área possui particularidades irrecuperáveis que precisam ser preservadas.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Vigia de Nazaré, preservação, arquitetura, educação patrimonial.

ABSTRACT

The research proposes an analysis of the historical heritage of the city of Vigia de Nazare, through an architectural preservationist and sociological approach. The architecture of the city of Vigia distinguishes itself by presenting colonial traits originating from a Portuguese occupation, without leaving aside the indigenous culture that already belonged to the site. Through documentary analysis and field research, the objective of this study is to disseminate the city and analyze the way in which the architectural heritage is being preserved for the culture of the region has significance for future generations, since the area has sunk peculiarities that need to be preserved.

Keywords: Cultural heritage, Vigia de Nazaré, preservation, architecture, heritage education.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter finalizado esta trajetória, ao longo dos cinco anos de curso, por todas as dificuldades enfrentadas e pelos momentos bons que passei na faculdade.

Aos meus pais, Arnaldo e Márcia que nunca pouparam esforços para me ver da melhor forma, e sempre incentivaram os meus estudos em todos estes anos, assim como toda a minha família, meus avós, tios e primos.

Ao meu avô Otilio Nélio Conceição, meu maior exemplo, e que foi fundamental para a minha formação acadêmica e que nunca deixou de se preocupar com meus estudos.

À minha irmã Andresa e ao meu namorado Matheus, que sempre estiveram dispostos a me ouvir falar sobre o assunto e souberam me distrair em momentos de tensão desta jornada.

À minha orientadora Elna Trindade, que possibilitou a realização do meu estudo, e me auxiliou em todo o percurso desde o início até o fim.

À Juliana Fagundes e Myriam Unger, por todos os momentos de descontração que facilitaram muito os cinco anos de dedicação ao curso, assim como meus outros amigos que sempre me ajudaram na realização de trabalhos e em momentos que precisei de apoio: Carlos André Reis, Benielton Cássio Gomes, Larissa Galvão, Luís Paulo Souza e Leticia Kimie Yoshikawa.

A todos os meus amigos que estiveram me apoiando durante esta trajetória.

À professora Cybelle Salvador Miranda e ao professor Ronaldo Marques de Carvalho, por terem me recebido no LAMEMO, no qual tive uma experiência única e importante na minha vida.

À Tadeu e Luciana Alves, que sempre me receberam em sua casa para que eu pudesse realizar o trabalho na cidade de Vigia.

Ao professor Luiz de Jesus por todo o apoio no desenvolvimento deste trabalho, assim como a Fernanda Oliveira, Ester Pimentel e Adriano Alves.

À população de Vigia, que em quase sua totalidade se mostrou interessada e disponível em colaborar com o trabalho, em especial aos proprietários das residências interessadas.

À Prefeitura de Vigia e à Secretaria de Infraestrutura por todos os materiais cedidos que colaboraram com o trabalho.

Ao Portal Cultura Vigilenga, que cedeu informações preciosas para o desenvolvimento do trabalho, assim como demonstrou-se sempre solícito em contribuir quando necessário.

À todos que contribuíram de alguma forma com este trabalho.

“A Nação que destrói o seu solo destrói a si mesma”

Theodore Roosevelt

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Gradil de ferro em Olinda (PE) como patrimônio cultural.....	6
Fotografia 02 - Negativo original da Igreja Matriz no ano de 1727.....	20
Fotografia 03 – Igreja Matriz Mãe de Deus.....	22
Fotografia 04 – A Igreja de Pedra reativada.....	23
Fotografia 05 – Procissão de Nossa Senhora das Neves, no centro de Vigia.....	26
Fotografia 06 – Bloco Dragão Tricolor, em 1950.....	27
Fotografia 07 – Típico dia de Carnaval vigiense na Av. Barão de Guajará.....	28
Fotografia 08 – Exemplos de obras literárias de escritor vigiense José Ildone.....	29
Fotografia 09 – A Sala Vermelha do Museu de Vigia.....	29
Fotografia 10 – Antiga fotografia da Praça do Expedicionário.....	31
Fotografia 11 – Poço jesuíta conservado em pátio público.....	32
Fotografia 12 – Imóvel histórico com alvenaria de taipa e tronco.....	35
Fotografia 13 – Atual prédio histórico Trem de Guerra.....	38
Fotografia 14 – Antigo prédio Trem de Guerra.....	39
Fotografia 15 – Fachada da sede da Rádio Moreno.....	40
Fotografia 16 – Elementos originais em destaque do casarão.....	41
Fotografia 17 – Vista de trás do imóvel sede da Rádio Moreno.....	41
Fotografia 18 – Atual sede da Biblioteca Pública Municipal.	42
Fotografia 19 – Antiga Casa Dario..	43
Fotografia 20 – Atual estado da Casa Dario.....	44
Fotografia 21 – Vista frontal da residência do Major Luciano Neves.....	45
Fotografia 22 – Antiga Padaria Modelo.	46
Fotografia 23 – Residência da família Esteves..	47
Fotografia 24 – Residência histórica da família Nogueira.	48
Fotografia 25 – Fachada original do antigo Cine-teatro de Vigia.....	49
Fotografia 26 – Travessa Generalíssimo - Sinuca Bar e Casa Pérola..	51
Fotografia 27 – Antigas residências de Eurípedes da Silva, no século XIX.....	52
Fotografia 28 – Atual residência histórica remanescente.....	52
Fotografia 29 – Antiga Casa Beira Mar, de Abdias Beckmann.....	53

Fotografia 30 – Antiga residência de Júlio Bulhões da Trindade.....	54
Fotografia 31 – Residência da família Santos.....	55
Fotografia 32 – Placa histórica na calçada do imóvel da família Santos.....	56
Fotografia 33 – Residência histórica da família Soeiro.....	60
Fotografia 34 – Fachada frontal vista de baixo para cima.....	63
Fotografia 35 – Perspectiva da extensa fachada.....	64
Fotografia 36 – Fachada posterior do atual Museu de Vigia.....	66
Fotografia 37 – Entrada atual do museu, ainda em reforma.....	67
Fotografia 38 – Sala Amarela do Museu de Vigia de Nazaré.....	67
Fotografia 39 – Igreja Matriz durante o festival do Círio de Nazaré.....	82
Fotografia 40 – Paço da Igreja Matriz de Vigia de Nazaré.....	84

LISTA DE CROQUIS ARQUITETÔNICOS

Croqui 01 - Planta original da residência da família Santos.....	58
Croqui 02 – Planta original da residência da família Santos	58
Croqui 03 – Planta modificada da residência histórica da família Soeiro.....	62
Croqui 04 – Planta atual do Museu de Vigia.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Questionário – Primeira pergunta.....	71
Gráfico 02 – Questionário – Segunda pergunta.....	72
Gráfico 03 – Questionário – Terceira pergunta.....	72
Gráfico 04 – Questionário – Quarta pergunta.....	73
Gráfico 05 – Questionário – Quinta pergunta.....	73
Gráfico 06 – Questionário – Sexta pergunta.....	74
Gráfico 07 – Questionário – Sétima pergunta.....	74
Gráfico 08 – Questionário – Oitava pergunta.....	75
Gráfico 09 – Questionário – Nona pergunta.....	75

Gráfico 10 – Questionário – Décima pergunta.....	76
Gráfico 11 – Questionário – Décima primeira pergunta.....	77
Gráfico 12 – Questionário – Décima segunda pergunta.....	78
Gráfico 13 – Questionário Décima terceira pergunta.....	79
Gráfico 14 – Questionário – Décima quarta pergunta.....	79
Gráfico 15 – Questionário – Décima quinta pergunta.....	81

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Francisco de Melo Palheta plantando café em terras vigienses.....	19
Imagem 02 – Colégio Mãe-de-Deus edificado no Paço central de Vigia.....	21
Imagem 03 – Desenho da Igreja de Pedra abandonada por quase 200 anos.....	22
Imagem 04 – Questionário de perguntas gerais.....	70
Imagem 05 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes....	70
Imagem 06 – Questionário aplicado aos não moradores da cidade.....	78
Imagem 07 – Nuvem de palavras representativas de Vigia de Nazaré.....	80
Imagem 08 – Capa e contracapa do roteiro turístico.....	87
Imagem 09 – Desenvolvimento do roteiro turístico.....	88

LISTA DE MAPAS

Mapa 01– Localização de Vigia na região nordeste do estado.....	13
Mapa 02 – Localização de Vigia na Baía do Marajó	14
Mapa 03 – Vista aérea de toda a extensão municipal.....	15
Mapa 04 – Bairros de Vigia de Nazaré	17
Mapa 05 – Delimitação geográfica de área de estudo.....	34
Mapa 06 – Localização da família Santos em relação a Igreja Matriz.....	57

Mapa 07 – Localização da residência Soeiro em relação a Igreja Matriz.....	61
Mapa 08 – Localização do Museu de Vigia em relação a Igreja Matriz.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quadro de contabilização das leis municipais de Vigia.....	11
Tabela 02 - Descrição de alterações construtivas da Casa da família Santos.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. Referencial Teórico: Conceitos sobre o Patrimônio	3
1.1 Conceitos sobre Patrimônio Cultural.....	3
1.2. Identidade Cultural	4
1.3. Memória.....	5
1.4. Monumento.....	7
1.5. Cartas Patrimoniais.....	8
1.6. Tombamento.....	9
1.6.2. A Legislação insuficiente em Vigia de Nazaré.....	10
1.6.3. Tombamentos vigentes na região.....	12
2. História e Patrimônio Vigiense.....	13
2.1. Introdução.....	13
2.2. Histórico de Vigia de Nazaré.....	17
2.3. O Patrimônio Cultural de Vigia De Nazaré.....	24
2.3.1. Bens imateriais.....	24
2.2.3. Materiais móveis.....	28
2.2.4. Patrimônio material imóvel.....	30
3. Análise da Arquitetura Civil de Vigia de Nazaré	32
3.1 A construção civil no período colonial em Vigia de Nazaré.....	34
3.2 A construção civil resultante das transformações do fim do século	
XIX.....	36
3.4. Análise de prédios arquitetônicos no Centro da cidade.....	38
3.3. Levantamentos de exemplares arquitetônicos do Centro	
Histórico.....	54
3.3.1 Residência Da Família Santos.....	55
3.3.2 Residência Da Família Soeiro.....	60
3.3.3. Antiga Residência do Barão De Guajará.....	63

4. Percepção da População em relação à preservação patrimonial	68
.....
4.1. Percepção do espaço segundo a autora.....	68
4.2. Percepções sobre preservação do patrimônio segundo os habitantes.	68
.....
4.3. Percepção do patrimônio cultural de Vigia segundo a população não-moradora.....	77
5. A importância do turismo no patrimônio vigiense.....	81
PROPOSTA	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
APÊNDICE	95
ANEXOS.....	96

INTRODUÇÃO

A arquitetura como ciência que aprimora o espaço trata do projeto desde seu partido arquitetônico, composto por linhas provisórias até técnicas exatas de maneira que o produto final seja um edifício agradável e duradouro.

Como exemplo de arquitetura, até hoje as construções greco-romanas são admiradas, como o Coliseu e o Panteão, assim como as pirâmides monumentais do Egito. Construções como essas não apenas abrigam determinada comunidade, mas afirmam o poderio político desse grupo e, perpetuam a história do lugar.

Dessa maneira, percebe-se que a arquitetura obtém um valor não apenas para o tempo presente em que está sendo utilizada, entrando em questão o conceito de preservação do patrimônio histórico, neste caso, os bens arquitetônicos. Segundo a informativa Memória Viva – pequeno guia de educação patrimonial (2008, edição única), desenvolvido pelos autores Elna Trindade e Armando Sobral, “preservação é toda e qualquer ação que garanta a integridade do bem” (...)

A educação patrimonial é uma importante base da preservação deste patrimônio, e é um instrumento que possibilita a releitura de determinado objeto como essencial para uma sociedade, dotado de importância histórica, que anteriormente não era apreciada no objeto.

Vigia de Nazaré é um município do estado do Pará que retrata um cenário histórico do Brasil Colonial, repleto de bens culturais que remetem à época das antigas práticas de colonização, especificamente realizada pela nação portuguesa. Assim, na cidade existe uma série de costumes que mesclam a cultura portuguesa com a herança tupi-guarani que é expressada diretamente no modo de vida da população vigiense.

O objetivo principal do trabalho é divulgar a herança histórica existente na cidade, expondo o patrimônio cultural da cidade, e em segundo lugar, através de análises dos bens culturais de Vigia de Nazaré, e de levantamentos arquitetônicos que explanem a predominância estilística desses imóveis, que refletem diretamente o contexto histórico do

lugar. Tal patrimônio material, como os casarões de época, na maioria das vezes são ignorados e despercebidos pelos moradores e visitantes da região, uma vez que não são valorizados como elementos de importância cultural e como em um ciclo vicioso, passam a ser cada vez mais descuidados. Uma série de estudos bibliográficos e documentais foi realizada, com a finalidade de obterem-se novas informações.

Além disso, os objetivos específicos do trabalho são:

- Examinar os bens históricos de Vigia e reconhecer a cultura local como um bem de relevância para a preservação patrimonial.
- Diagnosticar exemplares arquitetônicos para analisar as características arquitetônicas do município.
- Propor um roteiro de visita dos principais pontos históricos em Vigia de Nazaré.

É importante ressaltar que o estudo apresenta-se como uma pesquisa pura, que tem como finalidade principal a análise genérica da problemática, como um mapeamento geral, e primário, da situação real estudada. Assim, posteriormente as questões específicas relativas às disfunções do caso poderão ser analisadas com mais clareza, para possíveis soluções.

O trabalho justifica-se pelo número de vezes que a autora já visitou o local, e após esse contato, percebeu que a cidade é marcada por tradições históricas e casarões popularmente chamados como *antigos*. Além disso, é observado que a maioria destes bens imóveis foi erguida desde o século XVI, e hoje são totalmente ignorados pela população local. Aliados ao desconhecimento, a falta de cuidado e a manutenção dessas obras, o patrimônio é cada vez mais penalizado, eliminando assim, a parte física que ainda resta desses imóveis.

Como problemática apresentada em relação ao patrimônio histórico de Vigia de Nazaré, observa-se que a mais grave é a falta de conservação dos prédios arquitetônicos do lugar. Observa-se em seus exemplares o abandono, mau uso ou falta de manutenção dos prédios históricos; a falta de conhecimento da população mais jovem sobre a importância histórica do lugar; o centro histórico, que até hoje não fora demarcado como zona de interesse histórico.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Conceitos sobre Patrimônio Cultural

Depreende-se como patrimônio todos os bens que determinada sociedade produz ou preserva há diversas gerações, tendo eles valor material ou imaterial. Não precisa possuir necessariamente valor de mercado, mas pode apresentar apenas valor sentimental, entre outros. Está assegurado na Constituição Federal, no artigo 216/88, como:

“(...) Bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)”.

Assim, qualquer elemento que represente aquele grupo social, seja uma técnica artística, seja um item valioso, configura o patrimônio cultural desse povo.

Entre as principais categorias de patrimônio, podem ser divididos em três grupos:

1 - Patrimônio Imaterial como toda manifestação, costume ou tradição realizada por aquele povo. O patrimônio imaterial, apesar de não poder ser tocado, pode ser percebido uma vez que ocorre com certa frequência que tornam a cidade como oficial praticante de tal ato, como se o patrimônio em questão pudesse ser tocado do tanto que é visível.

2 - Patrimônio material imóvel diz respeito a todo um conjunto geográfico de patrimônio que não pode ser retirado do seu lugar, ou seja, possui territorialidade definida. Como exemplos podem ser definidos praças, parques, lagos, edifícios, templos e prédios civis. Ainda que apresentem monumentalidade e invariabilidade de espaço, os imóveis são, no geral, edificadas pelo povo que o herda, e no local ocorre-se a vivência de tal grupo, práticas comuns, feitos extraordinários e ainda abriga o conjunto patrimonial móvel. Todo esse conjunto de fenômenos capacita o imóvel a ser

reconhecido como mais uma forma de expressão cultural desse povo, dotada de hereditariedade.

3 - Patrimônio material móvel diz respeito a todos os elementos táteis que podem ser produzidos e consumidos pela sociedade que o possui. São as obras artísticas, os escritos, a indumentária, as coleções, louças, mobiliários e todos os elementos que pertencem a determinado grupo social (MELO, 2015). Seu valor novamente aquisitivo geralmente deriva da sua importância naquela sociedade e da raridade de sua composição.

1.2. Identidade Cultural

De fato, analisar determinada cultura denota certa responsabilidade para quem o faz, uma vez que ela está é enriquecida de detalhes que à princípio não são percebidos. O homem, como ser social, carrega subjetivamente e coletivamente tudo o que acumulou de sua cultura. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pelas diversas significâncias humanas: pelos conhecimentos criados, instituições, pela memória coletiva e por realizações pessoais; no geral, todas as sociedades possuem essas vertentes, ainda que estejam diferentemente escalonados, além da influência do espaço e do tempo sobre esses elementos (CASTELLS, 2001). As normas sociais são repassadas como se deve falar até de que modo as refeições devem ser preparadas. Nesse sentido, reconhece-se que tanto elementos materiais, quanto os imateriais também fazem parte da formação cultural do homem.

A cultura também é possui um potencial de socialização essencial para a permanência das espécies. A identidade pode significar a maneira pela qual o grupo consegue se comunicar, e conseqüentemente executar ações de sobrevivência, comunicação e realização (MARTINS & MELO, 2013, p 194). Nesse contexto, a população é mantenedora da cultura, já que o vínculo social proporciona preservação do grupo ao longo dos anos.

Dessa maneira, o espaço reflete toda a organização social desse grupo, pois quem o molda são os indivíduos integrantes. O espaço reflete quais os valores do grupo, quais suas prioridades e quais as principais atividades desenvolvidas por ele. O lugar é o terreno onde

são vividas as práticas sociais é onde se situa a vida cotidiana, é o espaço praticado. (MERREFIELD, 1993 apud FERREIRA 2000, p 278)

1.3. Memória

Memória, no sentido histórico, é entendida como a capacidade de tornar fatos cotidianos em lembranças duradouras, sendo essas memórias, carregadas de significância. Segundo o antropólogo Marc Augé (1994) o processo de memorização é diretamente expressa no território, caracterizando o espaço físico como protagonista de memórias afetivas. O autor reforça que elementos sem valor relacional, histórico ou identitário para seus usuários não possuem significados para sua sociedade, e tornam-se espaços sem valor para o grupo, os *não-lugares* (AUGÉ, 1994).

Como exemplo de um lugar que valoriza sua memória em 2007 a designer gráfica Renata Paes realizou um projeto fotográfico, de cunho memorial em sua cidade natal, Olinda (PE). Na entrevista a autora destaca o quanto a expressão gráfica é relevante para a preservação de um elemento, incluindo a arquitetura. A designer considera que a partir da leitura visual de obras que tenham pertencido ao passado do observador, tal indivíduo passa a renovar sua ligação afetiva com o espaço, e esse contato desperta nele um desejo de conservar estes elementos (PAES, 2007)

Desse modo Renata Paes desenvolveu um guia de memória da arquitetura de Olinda, ressaltando a importância de quatro elementos arquitetônicos que se destacam na cidade: gradis, cobogós, azulejos e ladrilhos hidráulicos. A partir da perpetuação desses elementos, a cultura local foi melhor divulgada, assim como a conservação de tais elementos também foi beneficiada.



Fotografia 01 - Gradil de ferro em Olinda (PE) como patrimônio cultural para seus habitantes.

Fonte: Thiago Duarte. Acesso em jun 2019.

Maurice Halbwach (1990) foi um sociólogo francês que definiu que a memória é um fenômeno de caráter muito mais coletivo do que individual, em meados do século XX. O sociólogo afirma que a memória não se trata de simplesmente lembrar acontecimentos passados, o autor afirma que esses são fatos históricos; mas essencialmente a memória são os valores subjetivos que o indivíduo carrega, mediante o decorrer dos fatos sociais que viveu em sociedade.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é essencial para o indivíduo, pois reforça seus valores, suas crenças, suas necessidades espirituais e gera confiança em um futuro difícil mediante crises enfrentadas pelo passado. (Dumond, 1988). Nesse contexto, a memória coletiva gera um passado constantemente ressignificado, abrangendo diversas funções que beneficiam o indivíduo em seu contexto social.

O autor também afirma que a tradição é a expressão mais visível de memória coletiva; pois além de demarcar uma identidade comum pertencente à uma sociedade, essencial para a permanência do grupo. (HALBWACHS, 1990). Maurice considera que os elementos históricos remanescentes no presente são *guardiões*, tanto para a preservação histórica da sociedade em questão, como para o fortalecimento da cultura individual de cada membro do grupo.

A idéia de Halbwachs relaciona-se diretamente com a ideia de imaginário de Le Goff, que afirma que a ideia projetada de um lugar é totalmente diferente do conhecimento real do espaço (LE GOFF, 1988). Em outras palavras, o imaginário nada mais é do que as pessoas ouvem falar do lugar sem o vivenciarem frequentemente. Em Vigia, buscou-se entender qual o imaginário das pessoas e quais as idéias pressupostas das que pouco conhecem o município. A intenção da pesquisa é verificar qual a memória real e de qual a memória projetada do lugar.

1.4. Monumento

Monumento é todo o elemento unitário que possui importância histórica para determinada sociedade. Na maioria das vezes os monumentos são elementos simbólicos, ou seja, teoricamente, não possuem seu significado explícito e remetem a um fato histórico alusivo. Toda a sociedade que realizou algum feito extraordinário deixa como marco um monumento que perpetuará o fato por várias gerações.

Em 2001, Choay expõe seus estudos sobre patrimônio explanando os conceitos de monumento e todos os relacionados. O monumento é descrito como todo e qualquer elemento material que representa um fato histórico que é digno de preservação memorial ao longo do tempo. Choay afirma que o monumento não pertence apenas a um indivíduo ou a certo grupo, mas a toda a comunidade que presenciou tal fato. (CHOAY, 2001)

Em 1967, na cidade de Quito, no Equador, foram definidas normas relacionadas à conservação dos monumentos como patrimônio da cidade histórica. A carta também define que essas esculturas, estatuetas e outros tipos de edificações podem impulsionar a entrada de turistas na região, já que esses marcos tornam-se atrativos locais.

Ainda na obra de Choay, *Alegoria do Patrimônio* (2001), a autora afirma: o monumento deve ser o inverso da opinião pessoal, pois é imparcial, e defende o acontecimento, e não um pequeno grupo que defende uma idéia. Além disso, diversos outros fatores afetam a permanência do monumento como obra importante, intenção que é desejada por todos os produtores. A memória do fato acontecido deve ser valorizada especialmente pela comunidade que vivenciou tal fato, ou ainda, por seus descendentes, caso contrário está

disposto a sofrer diversos problemas, como intempéries, a cópia, a mudança em seu significado, o abandono e a falta de afeição pelo grupo. (CHOAY, 2002)

Françoise Choay afirma também que esse monumento não é digno apenas de apreciação e respeito pelo acontecimento, mas principalmente digno de reflexão sobre o acontecimento do passado e ainda, questões recorrentes do presente. Segundo a autora, o objetivo do monumento é “*tornar o momentâneo eterno*”. (CHOAY, 2002)

Por fim, Choay afirma que um monumento sem passado deixa de ser um signo para ser apenas um sinal. Um material sem significado, e por isso, sem propósito válido. A autora acredita que essa alteração no significado aconteceu após a alteração no conceito de arte durante o renascimento. Com o surgimento da imprensa, no período, todas as expressões artísticas, especialmente as monumentais, tornam-se raras e supervalorizadas. Com essa supervalorização, a expressão por meio da fotografia e dos fatos jornalísticos torna-se banal e anulam, aos poucos, o valor da arte monumental.

Choay também relaciona o estudo do monumento com a criação da História como fonte de ensino: é importante para o que a autora chama de *refrescar a memória e transcender os limites do tempo*, mas ainda exige neutralidade e reflexão para discordar de tudo aquilo que for apresentado como partidário.

1.5. Cartas Patrimoniais

As cartas patrimoniais são documentos oficializados, acordados pelos principais especialistas da área da (preservação e restauração) que definem quais as medidas que devem ser tomadas para proteger, remediar e intervir em bens de conservação histórica. Esses documentos foram elaborados ao longo de setenta anos para definir quais medidas eram adequadas ou não para a correta manutenção de bens materiais de um território.

Das 37 cartas oficializadas que amparam o patrimônio histórico mundial, adotou-se duas delas como essenciais para a discussão do trabalho.

A primeira delas é a Carta de Washington (1986), que assegura a conservação das cidades históricas, com as seguintes proposições:

- Cidades históricas são todas aquelas que possuem bens de um tempo anterior à contemporaneidade, que adquire diferentes vocações ao longo de sua história.
- Toda cidade é uma cidade histórica.
- A organização espacial deve ser adequada pela malha urbana já existente, e ter uma relação harmônica com o sistema viário já estruturado.
- A participação do habitante é indispensável para a preservação da sua cidade.
- Os principais objetivos são: a proteção, conservação, restauração e conciliação com os novos elementos urbanos.
- A frota de veículos não deve interferir no cenário histórico, e deve possuir zonas de estacionamento especiais.
- As novas intervenções construtivas devem respeitar a organização existente, de acordo com a escala, o sistema viário e o valor das construções anteriores.

Em segundo lugar, a Carta de Petrópolis (1987) estabelece princípios para a educação museu, e ressalta a importância da conservação histórica de patrimônios culturais de um povo. Entre as principais definições estão:

- Respeito às diferenças socioculturais.
- Incentivo à construção do conhecimento da comunidade em questão.
- Salvaguarda da memória e dos laços afetivos do local.
- Promoção de diálogos e apresentações artísticas sobre esse patrimônio.
- Usufruto da população do patrimônio cultural e histórico da cidade.

1.6. Tombamento

Apesar de sua importância histórica, nem todo patrimônio, independentemente de sua categoria, é reconhecido como bem de preservação, universalmente pela população, que muitas vezes desconhece a importância da salvaguarda de tais elementos. Sendo assim, muitas vezes o elemento histórico passa a ser mutilado ou removido de seu território, eliminando uma série de conquistas e significados que aquele bem apresenta para sua comunidade.

Assim, no Brasil, no ano de 1937 foi criado o Decreto Lei nº 25 que determina a identificação e o reconhecimento dos bens mais significativos no país. O objetivo do tombamento não era apenas limitar os direitos individuais em relação aos bens culturais do país, especialmente aos prédios públicos e monumentos, mas principalmente promover tais objetos como importantes para a cultura local.

Atualmente, a Lei de Tombo se aprofundou e abrange as vertentes municipais e estaduais, além da federal. O IPHAN passou a funcionar no estado do Pará tardiamente no ano de 1992 e tornou-se o órgão responsável pelos processos de tombamentos federais na região.

A proteção assegurada pelo tombamento confere diversas responsabilidades para proteger o patrimônio, desde a impossibilidade de modificar qualquer elemento do ambiente, até à sua mais simples conservação. Segundo a Cartilha promovida pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará “Informar para Preservar”, volume 2, podem ser tombados os bens de natureza material, como obras, cidades, edifícios, parques e elementos arqueológicos.

1.6.2. A Legislação insuficiente em Vigia de Nazaré

Na esfera municipal, a função da lei é regular e controlar comportamentos numa sociedade. Cabe pontuar sobre a importância da legislação frente ao patrimônio cultural, como escrito no Artigo 1º da Lei 5629/90. Faz-se necessário resguardar a memória dos diferentes grupos que constituem a sociedade, especificamente no município de Vigia de Nazaré, que detém um importante conteúdo histórico que não pode ser recuperado. A seguir, na Tabela 01 está a contagem das sessenta leis municipais vigentes em Vigia, até o primeiro semestre de 2019.

Esfera municipal	Quantidade de leis criadas
Saúde	Inexistente
Educação	Inexistente
Administrativa/Institucional	22
Urbano	2
Arquitetônico	Inexistente
Orçamentária/Tributária	20
Assistencial/Cooperativista	5
Comercial	2
Patrimonial	Inexistente
Cultural	7
Não específicas	2

Tabela 01 – Leis municipais de Vigia de Nazaré.

Fonte: Camila Trindade. Elaborado em Junho, 2019.

No quadro, é possível observar que não existe nenhuma legislação ativa que proteja os bens patrimoniais da cidade, ficando expostos a qualquer forma de interferência sem nenhuma sanção cabível. No caso, o patrimônio imóvel de Vigia deve ser resguardado legislativamente, uma vez que após qualquer interferência, pode apresentar danos irremediáveis, como uma demolição.

Nas três esferas (municipal, estadual e nacional) é possível proteger os bens com o tombamento, mas tais órgãos não demonstraram executar nenhuma ação em Vigia de Nazaré. Sabe-se, através de relatos dos moradores, o estado do Pará, através do DPHAC (Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Pará) já tentou interferir no tombamento de imóveis privados da cidade, mas nenhuma proposta foi aceita e até hoje Vigia possui grande parte de seu patrimônio material desprotegido, no que diz respeito a conservação de bens históricos. Reconhece-se que os habitantes vigienses são relutantes em aceitar a proteção do patrimônio porque não aceitam as cláusulas do tombamento, entre elas, a proibição de alterar e adicionar elementos construtivos de seus bens.

O DPHAC está isento de proteger o patrimônio vigiense uma vez que não há uma obrigação legislativa reconhecida. Nacionalmente, um único registro existe que diz respeito ao patrimônio vigiense, no livro do Tombo das Belas Artes, onde está inserido pelo seu significado artístico, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A seguir:

1.6.3. Tombamentos vigentes na região

1. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Nome atribuído: Igreja da Madre de Deus

Outros Nomes: Igreja de Nossa Senhora da Madre de Deus

Localização: Largo da Matriz – Vigia- Pará.

Número do Processo: 434-T-1950

Livro do Tombo Belas Artes: Inscr. nº 424, de 14/12/1954

Descrição: Em 1731, através de ato régio, um dos padres da Companhia de Jesus constrói o Colégio da Mãe de Deus que dois anos mais tarde é transformado em templo. No século XVIII, Vigia não possuía nada mais que instalações missionárias e a Igreja Madre de Deus, é construída com porte de catedral e uma grande riqueza interna. Sua fachada se parece com a de Santo Alexandre pelas grandes volutas de seus frontispícios, tendo sido sagradas no mesmo ano. Conserva suas linhas construtivas originais bem como parte de seu acervo sacro. Destaque para as telas da vida de Nossa Senhora que cobre a parede de fundo da sacristia e o Cristo, do século XVIII, da sacristia.

Observações: O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

2. História e Patrimônio Vigiese

2.1 Introdução



Mapa 01 – Localização de Vigia no nordeste paraense.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.

Vigia de Nazaré é um município paraense com aproximadamente 51 mil habitantes e é 100 quilômetros distante da capital, Belém. Vigia localiza-se na região nordeste do estado, e próximo aos municípios de Castanhal, Santa Isabel do Pará, Colares e Santo Antônio do Tauá. Vigia está no extremo oeste da região, e é banhada pela Baía do Marajó através do Furo da Laura. Em linha reta, está a 40 quilômetros distantes da Ilha do Marajó, em direção a Soure.



Mapa 02 – Vista da Baía do Marajó. Em destaque, as rodovias de acesso entre Belém-Vigia.

Fonte: Imagem Satélite – Google. Acesso em nov 2019.

A cidade é conhecida nacionalmente pelo Círio que ocorre na região e pela comemoração intensa do Carnaval. A popularidade de suas festividades e de sua posição geográfica faz Vigia possuir um imaginário comum de uma cidade animada e próspera. Além disso, Vigia é conhecida pela importância da pesca, atividade mantenedora do município, que arrecada valores significativos principalmente devido à exportação das vísceras pesqueiro às grandes indústrias asiáticas. Atividades secundárias como a agricultura, a pecuária e a importação também mantêm o comércio ativo e refletem diretamente na dinâmica do centro da cidade.

O centro da cidade refere-se não exatamente à porção central do município, mas à região de maior dinâmica comercial e concentração de pessoas na cidade. Geograficamente, está localizado no lado oeste da cidade, e relaciona-se diretamente com a orla banhada pelas águas da Baía do Marajó, através de um braço de rio. Na orla, estão aportados dezenas de barcos pesqueiros que saem em todos os meses para capturar peixes ou comercializar produtos em outros países como Guiana Francesa e Paraguai. As vias e calçadas estão todos os dias com a mesma organização, de uma maneira tumultuada e com uma alta concentração de pessoas, de domingo em domingo, especialmente na região que abrange a rua da feira e boulevard principal, alcunhado de Boulevard Melo Palheta, onde estão os trapiches e os barcos aportados.



Mapa 3 – Vista aérea de toda a extensão municipal de Vigia.

Fonte: Imagem Satélite – Google. Acesso em nov 2019.

Existem sete bairros nos limites municipais de Vigia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), mas a região da entrada da cidade na PA-412 está em um processo de forte evolução urbana. Sobre os bairros, não foram encontradas fontes referenciais sobre como evoluíram no território urbano, e menos ainda como surgiram no município. Sendo assim, foi necessário analisar cada bairro de acordo com suas principais características socioeconômicas.

Os bairros Vila Nova e Novo Horizonte são áreas que passam por um grande avanço expansionista, assim como expansão populacional. São áreas que à medida em que a população está migrando para tais regiões, surgem novos empreendimentos comerciais e lotes domiciliares. A região passa por intenso processo de expansão urbana, especialmente em relação à entrada da cidade e a população predominante possui classe média baixa.

O Centro é o bairro de maior concentração populacional e movimentação econômica. É o núcleo urbano da cidade, onde desembarcaram os fundadores portugueses e começaram a surgir as primeiras edificações. Hoje possui uma malha urbana homogênea e prédios

históricos com mais de 350 anos. A feira é o elemento mais tradicional do bairro, funcionando todos os dias, sem exceção. No bairro, também acontecem as festividades do município, como Carnaval e Círio de Nazaré. Devido às atividades econômicas desenvolvidas no local, a região do centro abrange os lotes mais caros de Vigia, assim como a potencialidade de desenvolver atividades comerciais na região. No bairro do Centro também estão localizadas duas das três igrejas tradicionais da cidade de Vigia, sendo considerado um território de grande relevância cultural na cidade.

O Arapiranga é o bairro localizado ao extremo norte do município. Caracteriza-se por apresentar poucas quadras e ruas, que possuem dimensões maiores quando relacionadas ao núcleo central. É na região que está localizada a sede industrial da empresa Ecomar, e é um pólo de comercialização da grude, insumo pesqueiro de grande valor comercial. Além disso, o Arapiranga está localizado numa região litorânea, banhada pelos Furo da Laura, e com vantagens climáticas, em relação aos outros bairros. Com esses fatores, as residências localizadas no possuem grande valor comercial, e a região é considerada “nobre” na cidade, aglomerando a população de classe média alta.

O Bariri, assim como os bairros da Castanheira e do Sol se caracterizam por serem regiões próximas ao centro histórico e econômico de Vigia, mas que não foram contemplados pelo enriquecimento financeiro da cidade. Possuem infraestrutura precária, poucos empreendimentos comerciais e população de classe média-baixa. Quando analisada a malha urbana, a precariedade dos lotes e as limitações econômicas dos habitantes acredita-se que nem todos as residências podem ser licenciadas pela Prefeitura, ou seja, é possível que alguns lotes sejam áreas de invasão. Não se tem registro de prédios históricos nesses bairros.



Mapa 4 – Bairros de Vigia de Nazaré.

Fonte: Secretaria de Infraestrutura de Vigia. Editado pela autora, 2019.

2.2 Histórico de Vigia de Nazaré

No ano de 1616 uma expedição liderada por Francisco Caldeira Castelo Branco, capitão-mor da Corte Portuguesa, às terras do norte que eram ocupados pelos índios tupinambás, numa aldeia conhecida por eles como Uruitá, que significava *cestos de pedras* (IBGE,1957) . As terras foram exploradas antes mesmo de serem encontradas vilas que corresponderiam às terras belenenses. Vigia era uma mata na qual viviam os índios que se escondiam de tribos rivais e sobreviviam com as condições climáticas locais em harmonia com a natureza.

O povoado sabia coexistir, se alimentar, cuidar e se abrir na vasta área verde banhados por águas doces e salgados em terras desconhecidas do norte do País. Quando o capitão mor português decide se mudar para Belém do Pará, permanecendo por cerca de quatro anos na região. O nome é de origem histórica: a área foi escolhida para ser o entreposto de vigilância das embarcações que decidiam adentrar a região.

Desconhecida por muitos paraenses, Vigia detém um dos patrimônios culturais mais ricos do estado do Pará, além de ser reconhecido como um dos mais antigos a serem desenvolvidos. Sua fundação é marcada pela herança portuguesa no local, com as cafeterias literárias e os azulejos portugueses nas fachadas dos imóveis mais valiosos.

Ainda hoje é possível observar as catedrais que foram erguidas pelos jesuítas ainda no século XVI. Todo esse conjunto arquitetônico precioso foi desenvolvido graças à chegada da Companhia de Jesus às terras da colônia, com o intuito principal de evangelizar os índios tupinambás da região disseminando a fé católica, explorar o que a terra tinha a oferecer, ao mesmo tempo em que asseguravam a posse do território diante de ataques holandeses.

Após reações contrárias à hegemonia da Igreja Católica na metade do século XVI, a Contrarreforma surgiu como um importante acontecimento do período, que desejava reforçar os preceitos da Igreja Católica diante da ameaça de outras religiões da época. A Companhia de Jesus foi a medida encontrada pelos pontífices para disseminar o catolicismo tradicional que viu no protestantismo uma religião antagonista, que protestava cada vez mais contra os dogmas católicos. (BRAICK E MOTA, 2005).

Nesse contexto também são reforçadas as ordens religiosas, que com todas as suas ramificações alcançariam um maior número de fiéis possíveis para a igreja. Assim diversas expedições são enviadas para os continentes que estavam sob domínio europeu. Entre os territórios contemplados, Vigia de Nazaré recebe os frades portugueses no século XVIII. Os jesuítas presentes no local, entre eles, acredita-se que estava o padre Antônio Vieira, um dos mais representativos de sua época, de acordo com registros históricos. (BRAICK E MOTA, 2005).

Graças à chegada da Companhia de Jesus diversas melhorias estruturais foram realizadas na cidade, como colégios e igrejas católicas. Como os vigienses nativos sofriam processo constante de aprisionamento, seja por mercadores que o vendiam como escravos; seja por tribos inimigas; o aldeamento jesuíta contribuiu na qualidade de vida desses habitantes, que passaram a ter melhores habitações e o desenvolvimento de instrumentos e práticas que facilitaram a vida dos vigienses, como a facilidade de assistir um culto religioso em uma paróquia na rua ao lado.

Apesar disso, como necessária no contexto da colonização, a mão de obra utilizada para executar diversos planos jesuítas foi indígena, uma vez que estavam subordinados ao

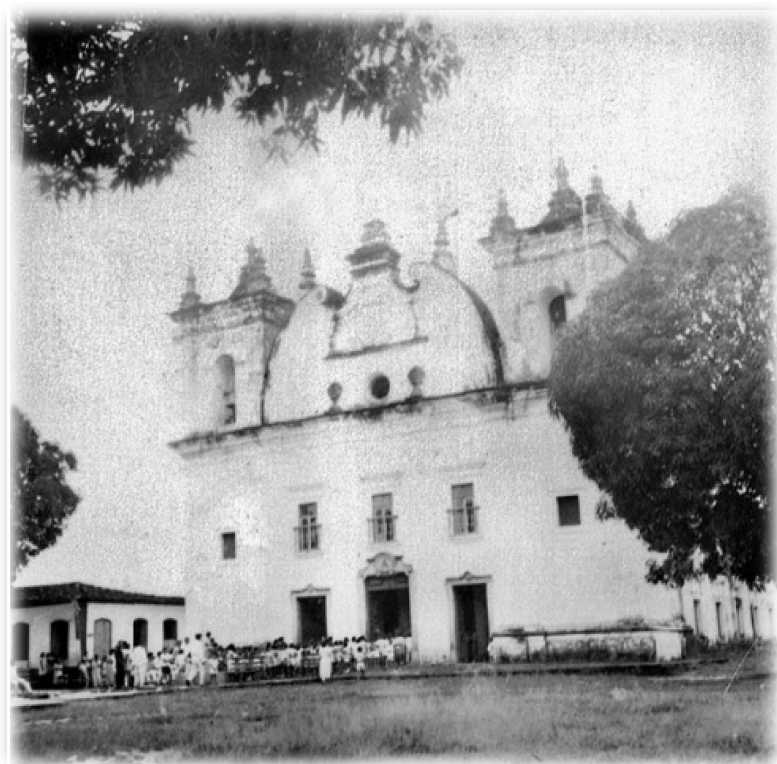
catolicismo e exerciam as devidas tarefas em troca de agradar as autoridades religiosas, e até mesmo, para alcançar salvação divina por meio de tais práticas. Ademais, como os padres se dedicavam à educação desses nativos em Vigia, é natural que houvesse uma relação social com o povoado indígena..

O café também tem um valor significativo para a cidade de Vigia. Quando introduzido no Brasil, por volta do ano 1731, Vigia foi o primeiro município a receber apenas cinco mudas para plantio. Graças ao navegador vigiense Francisco de Melo Palheta, cerca de 1000 pés chegaram a ser colhidos na cidade, fato que colaborou diretamente na comunicação entre a região e Lisboa, que resultou no adensamento populacional da cidade na época (BUENO, 2011). Na imagem a seguir, uma reprodução artística do acontecimento:



Imagem 01 – Francisco de Melo Palheta plantando café em terras vigienses, óleo sobre tela

Fonte: Cultura Vigilenga. Autor desconhecido. Acesso em dez 2019.



Fotografia 02 - Negativo original da Igreja Matriz no ano de 1727.

Fonte: Biblioteca Online IBGE. Acesso em dez 2019

A Igreja Madre de Deus foi a primeira capela erguida em Vigia, com a intenção de ser a principal diocese na região, de maneira que concentrasse religiosos católicos em missas usuais e períodos de festividade, especialmente o Círio de Nazaré, criado a própria cidade de Vigia, como é possível notar na Fotografia 2, do século XVIII de como a Igreja já apresentava imponência no território vigiense.

Foi construída no decorrer do século XVIII, por volta do ano de 1730, e até hoje se registra como um dos edifícios mais exuberantes de Vigia de Nazaré (PA). O padre José Lopes é encarregado de assumir a liderança da Igreja, assim como a responsabilidade de continuar o trabalho de catequização do então falecido padre Antônio Vieira, que liderou as missões em Vigia. Neste período, Vigia era o segundo maior pólo de catequização da Coroa Portuguesa.

Dois anos mais tarde, a Igreja alcança o nível de Paróquia Secular e intensifica o processo de conversão dos indígenas ao catolicismo. Atualmente encontra-se protegido pelo Livro do Tombo Belas Artes, que protege legalmente todo o patrimônio brasileiro, pertencente ao Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional.

Na mesma época a Igreja Católica adquiriu o direito de edificar o Colégio Mãe de Deus, erguido posteriormente foi a primeira obra de caráter institucional instalado na região. O edifício tinha como objetivo abrigar os padres que chegavam na região, acolher necessitados, servir de centro seminarista para novos padres, e assim de ensino para novos fiéis e chegou a abrigar a maior biblioteca do país (PORTAL CULTURA VIGILENGA, 2010). Em 1978 é totalmente demolido, sem motivação publicada e reconstruído anos depois com uma reprodução de seu modelo original, provavelmente no início da década de 1990, quando houve uma grande revitalização da cidade.

Outras igrejas também foram implantadas na região, nas vilas vizinhas à Vigia, Nossa Senhora da Luz, em Porto Salvo; e Santa Maria de Guarimã, em Guarimã. O objetivo das missões religiosas eram alcançar o maior número de fiéis possíveis nas terras tupis-guaranis e assim a população estabelecia a fé católica na região. (CULTURA VIGILENGA, 2010).



Imagem 02 – Colégio Mãe-de-Deus edificado no Paço central de Vigia. Óleo sobre tela.

Fonte: Cultura Vigilenga. Autor desconhecido. Acesso em mar 2019.



Fotografia 03 - Igreja Matriz Mãe de Deus.

Fonte: Cultura Vigilenga, autor desconhecido. Acesso em mai 2019.



Imagem 03 –Desenho da Igreja de Pedra abandonada por quase 200 anos.

Fonte: Autor desconhecido. Retirado do portal Cultura Vigilenga em nov 2019.

A criação da quarta igreja jesuíta na capital coincide com o período da expulsão das missões jesuítas do país, iniciada em 1759. Antes disso a obra da Capela que ainda nem possuía um santo padroeiro definido, foi erguida a 500 metros da Igreja Matriz. Como o contexto era de uma crise política, estava sendo edificada com técnicas vernaculares, que otimizam a construção com o uso de materiais próprios da região. As pedras eram retiradas das praias da região, e eram assentadas em argamassas de moluscos regionais. Sabe-se que a ausência de seu revestimento tradicional é causada pela saída repentina dos jesuítas das terras vigienses. Assim, esta última Igreja permanecera inacabada até os dias de hoje, e tal característica tornou-se um diferencial do templo religioso

Em 1930, o intendente municipal de Vigia, Jorge Correia toma as medidas necessárias para demolir algumas paredes na igreja, assim como ativar as primeiras usinas de iluminação da cidade. Segundo o portal Vigia de Nazaré, em protesto, o comerciante pescueiro Júlio Bulhões da Trindade juntamente com sua esposa, conhecida como *Maritó* levantaram fundos arrecadados para reformar a igreja e conseqüentemente reativaram-na antes que fosse totalmente destruída. Logo em seguida, como seguidores do Senhor do Bom Passo, declararam culto ao santo e desde então, permanece ativo até os dias de hoje com a alcunha de Capela do Senhor dos Passos ou Igreja de Pedra.



Fotografia 04 – A Igreja de Pedra reativada. Ano desconhecido.

Fonte: Portal Cultura Vigilenga. Autor desconhecido. Acesso em dez 2019.

Pouco mais de setenta anos depois, em 1833, a Cabanagem, movimento popular recorrente nas vilas paraenses, atinge a Vila de Vigia e todos os políticos e civis que se refugiaram no interior do Trem de Guerra foram mortos. O prédio era sede da casa do juiz de paz João de Sousa Ataíde. Após pertencer a outros proprietários, foi adquirido pela prefeitura e devido ao seu desgaste estrutural foi demolido e reconstruído com materiais contemporâneos, conservando integralmente as características arquitetônicas do antigo Trem de Guerra.

Entre residências, cafeterias, casas literárias, mercearias e igrejas a arquitetura de Vigia é marcada pelo estilismo colonial e eclético de suas obras. Cada quadra do centro do município de Vigia vivenciou, desde a época da colonização, alguma forma de expressão cultural da origem portuguesa que mesclou-se com os costumes locais do antigo povo indígena da região, que séculos depois, resultaria em hábitos inerentes a cultura vigiense. O patrimônio local, derivado desta cultura mista entre portugueses e indígenas será explanado no tópico abaixo.

2.3 O Patrimônio Cultural de Vigia de Nazaré

Em primeiro lugar é aponta-se que toda cultura, por mais diversificada que seja, deve ser respeitada e validada como um conjunto de costumes que devem ser respeitados como inerente àquela população

Não sendo diferente, Vigia de Nazaré, como município do interior paraense possui costumes próprios da cidade que nem sempre estão de acordo com os hábitos da capital, mas que podem e devem ser respeitados como uma nova forma de vivência para seus visitantes. No capítulo presente, serão descritos os principais bens patrimoniais observados na região, assim como seus costumes que também são considerados patrimônio.

2.3.1. Bens imateriais

A carta patrimonial de 1997, definida em na cidade de Fortaleza (CE) promulgou que o patrimônio imaterial também faz parte dos elementos culturais que devem ser preservados na cidade histórica. Podem não significar, diretamente um valor econômico mas sua importância

apresenta significados para o estilo de vida da população, com tradições que satisfazem a população e tornam hábitos comuns como memórias afetivas duradouras.

A culinária vigiense pode ser reconhecida como patrimônio, uma vez que na região exista a prática pesqueira e a exportação significativa dos peixes e mariscos da região para outros locais. A Gurijuba é a espécie mais representativa da região e a sua captura e venda garante a movimentação da economia no município.

Além disso, o animal possui uma víscera que é um importante produto fixador para a indústria chinesa, utilizado em cosméticos, bebidas e produtos automotivos. Sendo assim, como os compradores orientais não possuem tal insumo na região, a grude é altamente valorizada, sendo que seu comércio é feito desde o Amapá, e comercializada em seguida do Pará para o Maranhão, onde então é repassada para os chineses por um custo elevado que pode chegar a R\$1000 (mil reais) o quilo.

A pesca na região também foi fortalecida com a criação da empresa ECOMAR S/A, inserida na cidade de Vigia. A produção em escala industrial de peixes e derivados garante o investimento do capital gerado na região, além de gerar emprego e renda em Vigia.

Outras práticas gastronômicas também são observadas como freqüentes no local: a venda de comidas típicas paraenses, como tacacá, caruru e vatapá perpetuam antigos hábitos e tradições dos moradores. Na região da feira é possível observar diversas vendas camarões, caranguejos e principalmente peixes salgados, além de outros insumos como carnes, frangos e hortaliças.

A cidade ainda se apresenta como bastante tradicional, uma vez que a cultura observada é de que o morador vigiense costuma ir até o mercado central para adquirir seus próprios alimentos, para preparar suas refeições típicas, preservando assim costumes inerentes ao povo vigiense, e evitando aculturações outras regiões.

A religião também é um fator importante na cidade de Vigia. Como a cidade foi colonizada por jesuítas católicos, a fé cristã é quase universal no município. Festividades religiosas acontecem com uma freqüência considerável no lugar, e mantém vivas as tradições culturais relacionadas.

O Círio de Nazaré é a festividade mais tradicional da cidade de Vigia, e tem a honra de ter sido o primeiro a ser realizado em todo o Pará, hoje com repercussões em todo o país. O evento é

realizado no segundo domingo de setembro, e está em sua 322ª edição. O cortejo celebra a aparição da imagem de Nossa Senhora de Nazaré nos rios paraenses e acompanha diversos rituais tradicionais, como a procissão da berlinda com a santa, o acompanhamento na corda com pedidos, e os fieis que realizam as procissões todos os anos.

A festividade de Nossa Senhora das Neves também é comemorada na região como um dos feriados católicos mais importantes em Vigia de Nazaré. Ocorre no dia 05 de agosto não apenas em Vigia, mas em outros estados do país, como Bahia, Pernambuco e Recife e além disso, a imagem é padroeira da cidade de João Pessoa (RODRIGUEZ, 1992). Na data é realizada uma procissão com fiéis da imagem, que tem como pano de fundo a celebração da construção em 435 d.C da Igreja no lugar onde foi encontrada a imagem sacra de Maria de Nazaré, onde hoje se encontra a Basílica de Santa Maria Maior (*do original Basilica Papale di Santa Maria Maggiore*). (PORTAL CULTURA VIGILENGA, 2011)



Fotografia 05 – Procissão de Nossa Senhora das Neves, no Centro Histórico de Vigia.

Fonte: Portal Cultura Vigilenga. Acesso em novembro, 2019.

A escrita literária também é muito valorizada na região, uma vez que até hoje existem as casas literárias, de raízes portuguesas, onde os estudiosos da cidade se reúnem para produzirem poemas, e textos históricos para a preservação da própria cultura da cidade. A sociedade literária mais famosa está localizada no centro histórico da cidade, no paço da Igreja Matriz, e se chama “15 de agosto”. Até o presente momento, não foram encontrados registros históricos do município

sobre

essa

data.

As bandas musicais também têm forte influência na cultura vigiense. Em diversas escolas, existe a prática musical, que também foi trazida desde as origens coloniais da região, que aliada à fé católica vigente na região, permanece através da passagem de tempo, perpetuando tradições e beneficiando todas as festividades em que a banda musical participa. No município, registraram-se pelo menos duas escolas musicais.

Segundo o relato de um professor vigiense, Antônio Palheta Soeiro, o primeiro Círio a acontecer na história ocorreu dia 06 de janeiro de 1888 na Fazenda de Domingos Antônio Raiol, o barão de Guajará, e desde então não falha como tradição da igreja católica local.

O Carnaval é uma das festas mais tradicionais da cidade e representa o povo vigiense ano após ano, com blocos que saem fantasiados nas ruas, músicas animadas e outras comemorações que duram pelo menos quatro dias seguidos nas principais avenidas da cidade, entre elas A Avenida Barão de Guajará, que interliga todas as travessas da cidade, e o Boulevard Melo Palheta que concentra os principais pontos turísticos do centro. O registro mais antigo de Carnaval foi encontrado há 70 anos, em 1950, do bloco *Dragão Tricolor*, do Uruitá Esporte Clube, exposto na fotografia abaixo:



Fotografia 06 – Bloco Dragão Tricolor, em 1950.

Fonte: Portal Cultura Vigienga. Acesso dez 2019.

Aos poucos, o festival foi ganhando notoriedade e consagrou-se como um dos mais importantes do país, alcançando índices de 250 mil foliões, em 2017, e repercussão nacional, nos grandes noticiários do país. O evento tem a tradição de trazer para Vigia grandes cantores para Vigia e colabora com a movimentação econômica da cidade.



Fotografia 07 – Típico dia de Carnaval vigiense na Av. Barão de Guajará.

Fonte: Portal Cultura Vigiense. Acesso em nov 2019.

2.2.3. Materiais móveis

Sobre o patrimônio móvel, têm-se conhecimento da produção de *vigilengas*, que são pequenas embarcações que atravessam os rios do Pará em busca de novos produtos para comercialização. Hoje as *vigilengas* não são tão utilizadas, pois foram substituídas por embarcações maiores e mais velozes, que continuam sendo produzidas na região, mas ainda são lembradas como parte da herança histórica da população.

Os livros de Vigia são um dos bens patrimoniais mais valorizados pela cultura local. A cidade possui casas literárias onde desde cedo os cidadãos são incentivados a desenvolver o tipo de material, em todos os estilos literários, especialmente o histórico e o religioso. Anteriormente diversas personalidades da literatura local já pertenceram à Academia Paraense de Letras, entidade mais tradicional no Pará, entre eles o poeta vigiense José Augusto Corrêa.



Fotografia 08 – Exemplos de obras literárias de escritor vigiense José Ildone.

Fonte: Portal Cultura Vigiense. Acesso em nov 2019.

Os quadros também são uma das variações patrimoniais, e contam com diversas obras produzidas na cidade até hoje. Entre os artistas, destaca-se como pintor o nome de Antônio Coutinho na região.



Fotografia 09 – A Sala Vermelha do Museu de Vigia, com obras do artista Antônio Coutinho.

Fonte: Portal Cultura Vigiense. Acesso em nov 2019.

A maioria destes elementos são acautelados no Museu de Vigia de Nazaré, que atualmente encontra-se em uma reforma desde o ano de 2016. Não se tem conhecimento de onde os elementos

estão sendo abrigados temporariamente.

2.2.4. Patrimônio material imóvel

O patrimônio imóvel da cidade é marcado por todos os prédios e monumentos antigos que até hoje perpetuam a história da cidade de edificações. Em Vigia de Nazaré, pode-se dizer que além de enriquecerem o contexto da cidade, estão preservados, ainda que não tão bem conservados, e contam boa parte da história local. É por meio da observação dos casarões históricos, que um novo visitante pode questionar a história do local.

Os monumentos são peças chave para entender-se a história de qualquer território desconhecido (CHOAY, 2001). Visto isso, Vigia, como cidade de importância histórica também possui suas esculturas como forma de salvaguardar os acontecimentos da cidade.

Entre estes estão o *Monumento do Aviador* na Praça do Expedicionário, localizada no bairro do Arapiranga. À primeira vista a peça não remete nenhum significado, e se encontra em uma área verde totalmente dedicada a homenagear os combatentes e viajantes da região, com diversos nomes escritos em placas de ferro, nas quatro faces da torre.

Debaixo do marco encontra-se um memorial de um dos nomes mais curiosos da história vigiense. Por volta dos anos 1940, durante a 2ª Guerra Mundial, um avião cai, em pleno exercício de sua função na baía vigiense, no rio Guajará-Miri. No contexto da guerra, e de origem desconhecida, o homem identificado como Kaércio José Raiol foi sepultado como indigente no cemitério público de Vigia de Nazaré. O jazigo encontra-se em um mausoléu doado pela própria aeronáutica e encontra-se até hoje no Cemitério São Francisco, em Vigia de Nazaré. (CULTURA VIGILENGA, 2012).



Fotografia 10 – Antiga fotografia da Praça do Expedicionário. Ano desconhecido.

Fonte: Portal Cultura Vigiense. Acesso dez 2019.

Os poços jesuítas também foram considerados como patrimônio da região, e foram executados desde o século XVII quando os padres portugueses passaram a ocupar o território vigiense e transformaram a região em loteamentos residenciais. Ao longo do tempo, foram construídos seis poços artesanais de grande valor histórico, mas ao longo do tempo todos foram sendo destruídos ou danificados, restando apenas um que se encontra na Rua das Flores. A área foi transformada em uma área de recreação pública e costuma fechar durante alguns períodos para a conservação do bem de interesse histórico.



Fotografia 11 – Poço jesuíta conservado em pátio público.

Fonte: Portal Cultura Vigiense. Acesso nov 2019.

As igrejas são grandes responsáveis pela predominância do caráter histórico da cidade, e contribuem desde o século XVII na construção da memória local. É quase que imparcial a ideia de associação entre o nome da cidade, Vigia de Nazaré, e suas igrejas católicas construídas no período colonial que até hoje mobilizam a fé cristã na região.

Os casarões históricos também são importantes bens da cultura vigiense, pois representam o estilo arquitetônico utilizado no passado e são memoriais de um período importante na formação do território paraense. No capítulo seguinte, serão analisados alguns destes casarões e a arquitetura que compõe cada um desses.

3. Análise da Arquitetura Civil de Vigia de Nazaré

A arquitetura da cidade é um elemento fundamental para a investigação histórica e cultural do município. Os casarões contam não apenas a história política de Vigia, mas

revelam o modo de vida dos próprios habitantes que aos poucos sofreram processos de aculturação dos hábitos dos colonizadores europeus.

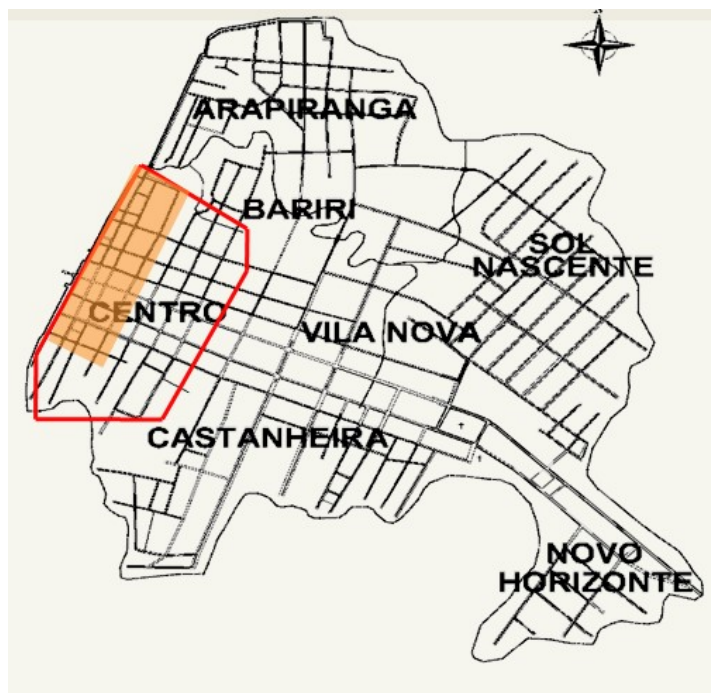
Em 1975, aconteceu em Amsterdã o Congresso sobre Patrimônio Arquitetônico Europeu, que serviu de diretriz para alertá-la sobre a conservação desses imóveis, de maneira que não somente a construção, mas todo o seu entorno fosse preservado como obra de importância histórica e cultural

A preservação foi definida como aliada ao planejamento urbano, sendo que todas as áreas da cidade histórica devem ser revitalizadas se apresentarem danos. Por último, a carta também afirma que para que a recuperação do centro histórico ser efetivada, é preciso que a população se envolva e garanta essa preservação com a manutenção e com o próprio usufruto da população.

Preferiu-se também delimitar as análises para o patrimônio civil uma vez que foi observado que grande parte das pesquisas relacionadas à região estão concentradas no patrimônio religioso. É relevante documentar a instituição familiar na região como forma de reconhecer também as práticas culturais que cercam os habitantes da região.

Serão analisados dois períodos específicos da arquitetura de Vigia. Em primeiro lugar, serão analisados casarões do período colonial, pós ocupação da missão portuguesa na região. Por conseguinte, será analisado um exemplar do século XIX, de caráter institucional, para demonstrar de que maneira a prosperidade econômica da exploração da borracha Amazônica beneficiou a região.

Optou-se por analisar preferencialmente edificações construídas no centro histórico de Vigia de Nazaré, ainda que exista uma pequena quantidade de imóveis históricos. A intenção é estudar esse patrimônio integrando-o ao seu entorno, interpretando assim questões que não são perceptíveis à primeira observação. Na imagem a seguir, demarca-se o bairro Centro, e de laranja está destacado o núcleo histórico que foi estudado.



Mapa 05 – Delimitação geográfica de área de estudo.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.

3.1 A construção civil no período colonial em Vigia de Nazaré.

No geral, as residências construídas a partir do século XVII até a metade do século XVIII possuíam estilo térreo, e organizavam-se em torno do largo central onde estavam concentradas a Igreja Matriz e o Colégio Jesuíta Mãe de Deus. As primeiras vias foram traçadas na própria terra batida e aos poucos foram introduzidas as carroças de tração animal como meio de transporte local.

A maioria da população vigiense que ocuparam os lotes do centro não eram famílias com grandes posses, a maioria tinha origem indígena, escrava e costumavam ser lavradores ou pescadores. As fachadas mais simples eram compostas de porta e uma ou duas janelas de madeira. O nível do piso era elevado em pelo menos 15 centímetros, para evitar o alagamento das residências nos períodos de altas marés.

Sobre os materiais construtivos mais utilizados, adotou-se a taipa de pilão, o pau a pique (taipa de mão) e os tijolos de adobe para as paredes residenciais. Existiam também os edifícios terem sido levantados com pedras da região, assim como a Igreja do Senhor dos Passos. O barro possuía uma grande versatilidade na arquitetura local e por isso era utilizado como uma importante fonte, mas também apresentava suas desvantagens (GILLET, 2009).



Fotografia 12 – Imóvel histórico com alvenaria exposta de taipa e tronco.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

“Desta forma, podemos perceber que o barro era empregado em diversos sistemas e usos, pois era largamente encontrado na região, e, por isso, tornou-se um dos principais materiais utilizados na construção de casas populares. Contudo, o barro não apresenta propriedades sólidas e nem mais higiênicas que as casas construídas em alvenaria. Mas, apesar dessas casas oferecerem um melhor conforto térmico, em contrapartida, apresentam menor solidez, além de acumularem maior umidade nas paredes. Essas casas também podem oferecer risco à saúde de seus moradores, pois nestas estruturas existe maior probabilidade de abrigar o inseto barbeiro, que provocam a doença de Chagas.”

*Karol Gillet Soares, *As formas de Morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)*, página 123.*

De acordo com a citação, percebe-se que de fato, as edificações que possuem paredes de barro possuem uma boa qualidade térmica, o que influi diretamente na qualidade de vida dos moradores dessas residências. Apesar disso, é verdadeira a premissa de Gillet sobre as

edificações apresentarem problemas quanto a sua maior capacidade de absorção de água: a maioria dos proprietários desses imóveis precisou trocar essas paredes, principalmente as externas. Os problemas do uso do barro como vedação variam de infiltrações, chegando até mesmo ao surgimento de fissuras nas paredes. Não se constatou problemas respiratórios decorrentes desta umidade nas residências.

A argamassa utilizada segundo a autora seria de origem orgânico-animal, proveniente de esterco, gorduras de peixe, unidos à areia do solo, que formavam uma espécie de tijuco local (COIMBRA, 2002).

O piso era na maioria das vezes de terra batida com sangue animal, que também contribuía para colorir o elemento. Segundo Smith, também era possível adicionar fibras vegetais, pedras, e gordura animal para fortalecer a liga do material. (SMITH, 1955).

As telhas, elemento destaque do período, e eram utilizadas para acobertar a casa, juntamente com madeiras extraídas da própria região para arma-las.

As pedras eram utilizadas principalmente para estruturas e ornamentação, e eram retiradas da própria baía pelos construtores vigienses. No geral, a mão de obra da região era composta pelos próprios indígenas da região e escravos trazidos das colônias de Portugal. As autoridades portuguesas, geralmente padres e capitães, estavam á frente destas obras, determinando como seriam feitas e indiretamente definindo os padrões das primeiras edificações vigienses.

3.2 A construção civil resultante das transformações do fim do século XIX.

A arquitetura que surgira cerca de duzentos anos mais tarde representava um período totalmente diferente do colonial e representava diversas inovações ao povo paraense. É certo que no cenário da Belle Époque paraense o desenvolvimento acompanhou o a cidade de Vigia, que ganhava notoriedade tanto econômica, tornando-se um pólo pesqueiro do Pará, quanto intelectual, com o surgimento de suas escolas de música e casas literárias.

As embarcações também começavam as buscas por mercadorias inovadoras nessas viagens de alcançavam limites além do país, e os pescadores tornavam-se negociantes trazendo utensílios, vestuários e materiais construtivos. É certo que grande parte da população

não possuía grande poder aquisitivo, mas ainda assim a população vigiense investia sempre que possível em seus imóveis na cidade.

Segundo GILLET, a introdução do tijolo perfurado *Portland* passou a ser importado. A autora ainda afirma que até o século XIX a região paraense não possuía tijolos perfurados estilo *Portland*, que só passaram a ser popularizados durante o século XIX (GILETT, 2009). Com essa inovação, supera-se o problema da durabilidade das paredes, com a substituição do barro.

A cerâmica também já era popular no século XVIII, e o manuseio do barro aquecido pelo sol já era conhecido entre a região vizinha de Vigia, Ilha do Marajó. Sabe-se também que Marquês de Pombal, no século XVIII popularizou o material em Portugal, com uma produção das lajotas cerâmicas em escala industrial.

Sabe-se que 100 anos depois, com a imigração árabe no país, o revestimento é ainda mais qualificado, com a inserção de cores e desenhos geométricos. A popularização do material também alcança escala nacional sendo então inserido nas residências de todo o país.

A madeira que era um material muito valorizado na época foi utilizado em pouquíssimas edificações, como o Grupo Escolar e casas pertencentes à famílias nobres. Geralmente eram peças de lei, das espécies pau amarelo e acapu, trabalhadas em conjunto para formar desenhos geométricos. Existem registros de seu uso em poucas edificações de Vigia de Nazaré.

O ferro inglês, popularizado no período, era um elemento que enobrecia as residências tradicionais com uma aparência rara e uma boa durabilidade do material. Eram adquiridos de catálogos, em peças pré-moldadas e exportados até o local, desde pequenos ornatos à peças inteiras de vedação ou sustentação do imóvel. Não foram encontrados nenhum exemplar em Vigia.

Os azulejos portugueses também eram peças muito valorizadas na arquitetura, independentemente da região. Além de embelezarem as fachadas dos imóveis, eram eficientes e duráveis, pois são resistentes à absorção de água, e por isso, evitam problemas relacionados à umidade. (ALCÂNTARA, 2001). Os únicos registros de azulejos portugueses em Vigia localizam-se no Grupo Escolar Barão de Guajará, edificado em 1934.

No geral, conclui-se que a arquitetura vigiense foi marcada pelos seus colonizadores portugueses, assim como pela bagagem cultural que possuíam. Aliados à essas técnicas, os

indígenas tupinambás também influenciaram diretamente na formação cultural do lugar, com seus conhecimentos inatos, que valorizavam a natureza.

Assim, a arquitetura do lugar foi diretamente formada e caracterizada primeiramente pelo estilo colonial português, e posteriormente recebeu as inovações do século XVII, com uma arquitetura marcada pelo ecletismo.

Finalmente, não se pode dizer que houve de fato a vigência de um estilo arquitetônico, mas sim interferências estilísticas que formaram um próprio arcabouço na cidade.

3.4 Análise de prédios arquitetônicos no Centro da cidade

3.4.1. Trem de Guerra



*Fotografia 13 – Atual Prédio Legislativo de Vigia.
Fonte: Fernando Sette Câmara, 2016. Acesso em dez 2019.*

Localizado na Rua Nazaré e Rua Visconde de Souza Franco, o imóvel foi edificado para Inocêncio de Holanda que o habitava juntamente com sua família. Posteriormente, o proprietário vendeu a Jerônimo Magno Monteiro que desmembrou o lote em duas edificações. Por conta da Revolta da Cabanagem (1835) o prédio que, originalmente,

construído em taipa e com telha de barro, foi deteriorado e apresentou uma série de danos e riscos estruturais.

Assim, na década de 1990, o imóvel estava prestes a ruir e foi demolido para reconstruir uma reprodução do original. O atual prédio manteve as linhas originais e já foi construído em alvenaria de tijolo. Hoje, o prédio é utilizado para o fim institucional público e curiosamente costuma funcionar sempre no período da noite como Câmara Legislativa.



*Fotografia 14 – Prédio “Trem de Guerra” original, cenário dos ataques da Cabanagem.
Fonte: Desconhecido. Acesso em dez 2019.*

3.4.2. Sede da Rádio Moreno



*Fotografia 15 – Fachada da antiga sede da Rádio Moreno.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

Possivelmente, antes mesmo do período da Belle Époque o prédio já tinha sido construído, em 1875 e já apresentava traços ecléticos majestosos. O casarão foi construído com todas as esquadrias de ferro com as iniciais ABP, provavelmente do primeiro morador. Como o casarão possui referências portuguesas, acredita-se que o imóvel tenha sido ocupado por um homem que não seja cidadão vigiense. Localiza-se na orla da Rua Noêmia Belém (continuação da Boulevard Francisco de Melo Palheta).

Foi a sede provisória do Colégio ginásial Bertoldo Nunes, em 1953, e em seguida foi adquirida por Adolfo Xerez de Oliveira Goés. Só então, após esses usos foi a sede da Rádio Moreno, que foi sua utilização mais conhecida. Essa edificação é uma das mais antigas residências de Vigia, sendo um sobrado eclético com porão habitável na porção de trás, e de ventilação na parte da frente do imóvel.

A técnica construtiva é em alvenaria de pedra em sua fundação. Suas paredes externas são de alvenaria de tijolo, elemento bastante raro no período, provavelmente importados (GILLET, 2009), caso não tenham sido modificadas. As paredes internas continuam sendo de taipa de pilão (CULTURA VIGILENGA, 2010) e a fachada bastante rica possui linhas retilíneas e uma composição de quase dez esquadrias no lote localizado na esquina.



Fotografia 16 – Elementos originais em destaque do casarão. Os azulejos não existem mais.

Fonte: Elza Lima.

Atualmente, o imóvel encontra-se trancado e desocupado, desperdiçando um enorme potencial de uso e ocupação.



Fotografia 17 – Vista de trás do imóvel. Em destaque, o abandono das fachadas e a dimensão do imóvel.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

3.4.3. Antigo Paço Municipal



*Fotografia 18 – Atual sede da Biblioteca Pública Municipal.
Fonte: Camila Trindade.*

O início de sua construção foi em 1882 e concluído em 1888, durante o período imperial de D. Pedro I, o intuito de sua construção seria de atender o município como unidade provincial. Sua fachada principal está localizada na Rua Noêmia Belém e é prédio vizinho da Igreja de Pedra.

Em 1967 começa a funcionar como sede da Prefeitura, por apenas um único mandato. Na administração de José Ildone o imóvel passa por uma série de reformas que não afetaram sua concepção original e passa a ser a Biblioteca Pública Municipal Alves de Souza como funciona até hoje.

.A edificação possui a fachada com simetria de vaos e porta central. As janelas têm vergas retas e o símbolo das armas do Brasil no centro. A edificação possui as fachadas principais com coroamento em platibanda com relevos, cimalha e frisos. Possui relevos e pináculos que ornamentam o imóvel de maneira que seu uso de importância federativa seja relacionada, com um brasão da federação no centro de sua platibanda.

3.4.4. Casa Dario

Localizada na Rua das Flores, a construção foi, possivelmente, em 1910 alugada a Raimundo Dario Ferreira de Brito. O imóvel era utilizado como residência de Raimundo Dario e como sua mercearia, na porção da esquina.

O lote possuía 12 canoas que era utilizada pelos seus funcionários para o fornecimento dos seus produtos, que quando não estavam em uso, ornamentavam o local. Cada uma delas recebeu um nome indígena.



*Fotografia 19 – Antiga Casa Dario.
Fonte: Cultura Vigilenga. Acesso em dez 2019.*



Fotografia 20 – Atual estado da Casa Dario.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

Essa residência é um exemplar da arquitetura eclética, com técnica construtiva em taipa e coroamento das fachadas é com cimalha, friso e platibanda. Hoje o imóvel encontra-se, além de subdividido em três lotes, teve seus materiais originais alterados e seus elementos arquitetônicos danificados, sem nenhuma forma de reparo.

3.4.5. Antiga Residência do Major Luciano das Neves



*Fotografia 21 – Vista frontal da residência do Major Luciano Neves.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

Localizada na Rua Boulevard Francisco de Melo Palheta, a rua mais movimentada da cidade. Possivelmente construída em 1917, devido à bandeira em ferro com essa data e as iniciais LN do proprietário. Sabe-se que Luciano das Neves foi um policial civil muito ativo na cidade, que era querido pelos moradores da cidade. Em seguida, repassou o imóvel a José Furtado Belém e sua esposa Noêmia Belém, professores também ilustres na cidade. Hoje o filho do casal é quem mora no local.

O sistema construtivo original é taipa e alvenaria de tijolo. O piso é em madeira com tábuas em acapu e pau-amarelo. O porão de ventilação tem abertura em forma de arco. As janelas têm vãos com vergas retas e esquadrias de madeira. A cobertura com telha de barro, cimalha e frisos ornamentados com elementos geométricos e denticulos na platibanda.

O imóvel é um exemplo de como vários exemplares arquitetônicos de Vigia de Nazaré apresentam danos quando não são cuidados da maneira que deveriam e de como essas avarias prejudicam o entorno do imóvel e a própria conservação destes.

3.4.6. Padaria Modelo



*Fotografia 22 – Antiga Padaria Modelo, atualmente usada como depósito privado.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

Localizada na Rua de Nazaré, provavelmente foi edificada por volta dos anos 1920. Pertencia a Antônio Ferreira que depois o negociou a outros portugueses que inicialmente usaram o imóvel para fins residenciais e também comerciais. A construção baseava-se nos princípios coloniais portugueses, e sofreu alterações algumas alterações com o passar dos anos. Na década de 80 ocorreu um incêndio o que descaracterizou boa parte da edificação e por isso não se sabe quais materiais arquitetônicos possam ter sido perdidos, além dos poucos registros. Por fim, o uso atual deste prédio destina-se a fins comerciais e o mesmo encontra-se em bom estado de conservação.

3.4.7. Antiga Residência de José Vicente Esteves



Fotografia 23 – Residência da família Esteves.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

O imóvel está inserido no entorno do Paço da Igreja Matriz, e na Travessa Visconde de Souza Franco. Provavelmente foi construído em 1930, segundo a bandeira de ferro com a data e as iniciais VE sobre a porta principal. Com uso inicial habitacional, ainda a casa possui a mesma funcionalidade.

A residência foi construída sob os moldes da arquitetura eclética, com elementos decorativos, grades de ferro, frisos, cimália e dentículos. Já o sistema construtivo original é taipa, forro em madeira tipo saia e camisa e cobertura em telhas de barro. Atualmente o imóvel pertence a Ilda Esteves, filha de José Vicente.

3.4.8. Residência de Antônio Vasconcelos Nogueira



*Fotografia 24 – Residência histórica da família Nogueira.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

A edificação foi construída em 1930 e adquirida pelo atual proprietário em 1968. A obra é um exemplar da arquitetura eclética, e está localizada na Rua Noêmia Belém, de frente para o atual Paço da Prefeitura de Vigia. O porão possui abertura semicircular e fechamento em ferro, com alpendre lateral para acesso a escada, além das esquadrias de madeira em vidro e guarda-corpos entalados na alvenaria, em marmorite. O coroamento é feito na cimalha e platibanda com frontão. A casa desde o início de sua construção, até hoje é usada para o fim habitacional.

3.4.9. Antigo Cine-Teatro Brasil



*Fotografia 25 – Fachada original do antigo Cine-teatro de Vigia.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

A construção foi realizada em 1930. Pertenceu a Alfredo Silva, onde era um espaço de grande apreço cultural na cidade, chamado *Cinema Meu Caboclo*. Em seguida, passou a se chamar *Cine-Teatro Brasil* e passou a comportar mais de 700 lugares para a reprodução de filmografias e representações teatrais com os grupos artísticos da própria cidade.

Cerca de quarenta anos depois parou de funcionar, e abrigou o primeiro frigorífico da região. Hoje funciona como uma das maiores lojas de vestuário do município, tendo sua estrutura interna totalmente modificada, transformando-o em uma grande galeria.

A edificação é um exemplar da arquitetura eclética, a qual foi construída em alvenaria de tijolo, coberto com telha de barro, piso em ladrilho hidráulico e forro em madeira tipo saia-camisa.

3.4.10. Casa Pérola

A Casa Pérola era uma das lojas mais icônicas de Vigia, com artigos comerciais de luxo que abasteciam os moradores da cidade em seu período áureo. Com uma alvenaria de tijolos e platibanda bem desenhada, cheia de coroamentos e frisos foi construída em 1940 no estilo eclético.

Hoje se encontra como o Mercado Municipal de Carne, entre o Boulevard Francisco de Melo Palheta e a travessa Generalíssimo Deodoro, e teve algumas peças modificadas para atender às normas sanitárias, como a remoção de seus pisos e esquadrias.

3.4.11. Antigo Café Santa Terezinha

O prédio foi construído nos anos 1930, e pertenceu a Saturnino Cordeiro. A técnica construtiva é em alvenaria de tijolo, com detalhe da bandeira em ferro sobre a porta com as iniciais SC do proprietário e a data 1938 da sua criação. A implantação está nos limites da via pública. A cobertura é com telha de barro, vãos com verga reta e esquadria em madeira.

O forro é de madeira tipo saia e camisa, já o piso é em ladrilho hidráulico com motivos florais. Na entrada, tem o frontão e porta principal com ângulo das duas fachadas quebrado por um cancro. Essa edificação desde o uso original até hoje é usada para fins comerciais

Na época, o imóvel atendia as figuras ilustres da época em reuniões sociais e comerciais, assim como os moradores da cidade. Posteriormente o imóvel funcionou como Sinuca Bar e na década de 90 foi desmembrado em três lotes que passaram a funcionar como espaço comercial, já que uma de suas fachadas encontra-se na Travessa Generalíssimo Deodoro, onde funciona a feira municipal da cidade. A fachada da rua principal, que abriga uma das três repartições do imóvel encontra-se trancada e sem nenhuma utilização.



Fotografia 26 – Vista da Trav. Generalíssimo. Nas esquinas, Sinuca Bar (direita) e Casa Pérola (esquerda).

Fonte: Cultura Vigilenga, ano desconhecido. Acesso em dez 2019.

3.4 .12. Residências de Eurípedes da Silva

Provavelmente foram construídas no início do século XX e pertenceram a uma figura importante do cenário comercial da cidade. Ambas possuem a arquitetura eclética com sistema construtivo em taipa, alvenaria de tijolo e cobertura em duas águas em telhas de barro. Porém, a diferença está no revestimento das fachadas, nas portas, nas folhas das janelas e nos frisos com denticulos e nos materiais utilizados nas bandeiras das portas.

Hoje, apenas uma teve sua estrutura mantida, apesar de ter sido totalmente descaracterizada de seus ornamentos originais. A outra residência, do lado direito foi reconstruída e não carrega mais nenhuma referência histórica.



Fotografia 27 – Antigas residências de Eurípedes da Silva, no século XIX.

Fonte: Elza Lima, ano desconhecido.



Fotografia 28 – Antiga residência histórica remanescente de Eurípedes da Silva.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

3.4.13. Casa Beira-Mar



*Fotografia 29 – Antiga Casa Beira Mar, de Abdias Beckmann.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

Essa edificação, provavelmente, foi construída na década de 1940, no Boulevard Francisco de Melo Palheta. Essa casa pertenceu a Abdias Beckmann, uma figura bastante conhecida na cidade. No início, foi edificada com a fachada de referências ecléticas. A reconstrução foi do sistema construtivo em alvenaria de tijolo e cobertura com telha de barro, fachada possui platibanda e esquadrias com vãos e vergas retas.

Apesar de sua importância na cidade, o imóvel não foi bem conservado e encontra-se bastante sucateado na orla comercial de Vigia. Até hoje tem sido usado como residência e comércio. Seu proprietário Abdias Beckmann, é descendente da primeira colônia de holandeses que chegou no Brasil e posteriormente veio para a região Amazônica, onde entrou em conflito com os portugueses (CULTURA VIGILENGA, 2010).

3.4.14. Antiga Residência de Júlio Bulhões da Trindade



*Fotografia 30 – Antiga residência de Júlio Bulhões da Trindade.
Fonte: Camila Trindade, 2019.*

Está localizado na Rua Visconde de Souza Franco, a residência encontra-se de frente para o Museu Municipal de Vigia. Possivelmente foi construído em 1950. A técnica construtiva é em taipa e cobertura em duas águas com telhas de barro. A arquitetura é eclética, visivelmente, nos revestimentos de piso e forro e, fachada com molduras, frisos e cornijas. Desde a sua criação, até hoje, permanece para o fim habitacional.

O proprietário é de grande importância histórica para a cidade, pois Júlio Bulhões da Trindade foi a principal personagem na finalização da obra da Igreja de Pedra, além de ser o principal financiador da obra. (CULTURA VIGILENGA)

3.3. Levantamento arquitetônico de três imóveis exemplares.

A intenção neste tópico é observar interna e externamente três edifícios exemplares do patrimônio imóvel da cidade, de maneira que sejam comprovados as características

arquitetônicas de cada um destes, assim como a importância memorial atribuída a esses edifícios pelos moradores.

Os três imóveis estão localizados no centro histórico da cidade. O primeiro caracteriza-se por ser uma residência unifamiliar com características coloniais, sem moradores no local. A segunda casa é de caráter residencial, unifamiliar, também com traços coloniais, que é ocupada pela família por quase seis décadas. A terceira edificação foi construída para ser a primeira escola estadual de Vigia, mas hoje funciona como museu artístico de Vigia.

3.2.1 Residência da Família Santos – Antiga Residência do Barão De Guajará

O primeiro casarão visitado revela características do período colonial. O imóvel se localiza na Rua Noêmia Belém, entre as travessas Generalíssimo e Solimão. Era pertencente a Antônio Maximiliano dos Santos, tradicionalmente conhecido como *Seu Pinto*, que quando falecido, deixou a residência para suas três filhas.



Fotografia 31 – Residência da família Santos. A primeira residência de Domingos Antônio Raiol.

Fonte: Camila Trindade, 2019



Fotografia 32 – Placa histórica na calçada do imóvel da família Santos.

Fonte: Camila Trindade, 2019

O casarão hoje não possui mais moradores, uma vez que parte da família mora em Belém e a outra parte no Rio de Janeiro, mas ainda assim é zelada pela família e guarda as boas lembranças que a família hoje recorda. Apesar de não possuir nenhum morador, é zelada pelos parentes que estão mais próximos: os três genros de *Seu Pinto*. No dia da visita, um dia antes do Círio de Nazaré da cidade (comemorado, neste ano, no dia 07 de setembro), o proprietário, João Nunes, genro de Maximiliano, estava na residência com o objetivo de aproveitar o feriado e verificar as necessidades do imóvel.



Mapa 06 – Localização da residência Santos em relação a Igreja Matriz.

Produzido pela autora em dez 2019.

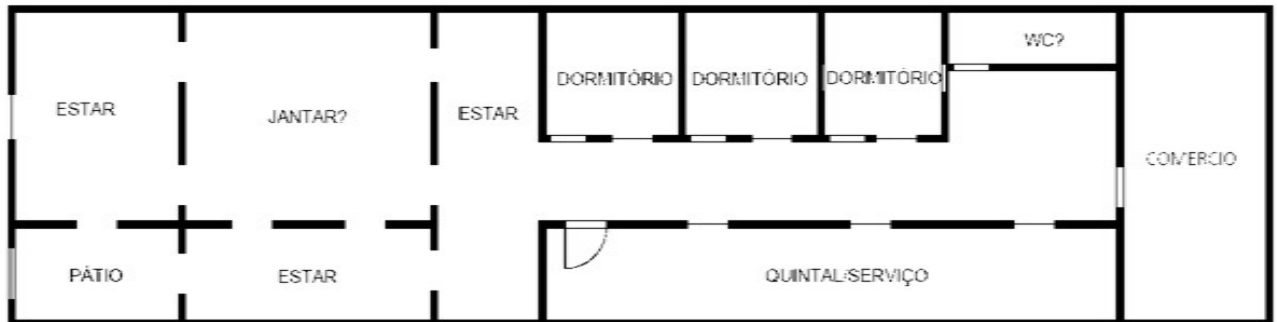
Seu João Nunes, 80, deixou claro, desde o início da visita que o imóvel possuía pouquíssimos elementos originais, uma vez que, com a passagem dos anos, não era possível conservar os materiais; sendo que a maioria destes já fora substituído. Seu João ressaltou também ainda o quanto a manutenção do imóvel histórico era um bem custoso, e que a prefeitura não contribuía de nenhuma forma para zelar esse patrimônio. “Já nos ofereceram para tombar o imóvel, mas as restrições eram tão rígidas que não teríamos como cumprir todas elas, muito menos sem modificar e a casa” afirma.

Apesar das alterações o partido originário da planta da casa foi em grande parte, sem derrubada de paredes, apenas com acréscimos no setor social do imóvel. As paredes internas ainda são de pau a pique, com enchimento de barro original. A seguir, um quadro que consta também todas as alterações de antigos materiais que necessitaram de troca:

MATERIAL ORIGINAL	MATERIAL SUBSTITUTIVO
Piso de acapu e pau amarelo	Porcelanato ou revestimento cerâmico
Paredes externas de barro	Paredes de alvenaria
Portas de madeira originais	Portas de alumínio
Forro de madeira original	Forro de madeira
Planta original – três alcovas	Adição de dois dormitórios

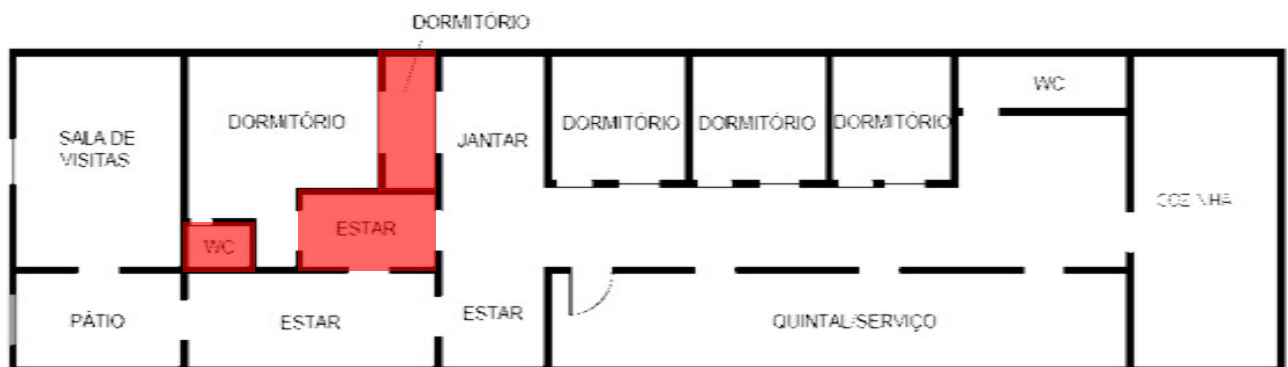
Tabela 02 - Descrição de alterações construtivas da Casa da família Santos.

Produzido pela autora em set 2019.



Croqui 01 – Planta original da antiga residência do Barão de Guajará, hoje pertencente a família Santos.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.



Croqui 02 – Planta modificada da residência Santos.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.

Durante a visita comprovou-se também o favorecimento do conforto térmico proporcionado pelas paredes de barro. A casa, que não possuía muitas janelas laterais por ser geminada era bem fresca, ainda que não fosse ventilada. Apesar disso o mesmo material acarretava outros tipos de problema, como uma maior absorção da umidade do ar, e conseqüentemente o inchaço e a infiltração das paredes. Todas as paredes externas precisaram ser trocadas por alvenaria para que a estrutura da casa não fosse prejudicada. O proprietário ainda afirmou que se esforça para conservar a parede original, mas que essa conservação gera grandes gastos e manutenção constante.

Quando questionado porque ainda assim João Nunes e sua família faziam questão de preservar o patrimônio, João afirmou:

“Não se trata apenas de uma questão material. Foi nesse casarão que eu e meus cunhados criamos nossos filhos, investimos nosso dinheiro e passamos nossos finais de semana. Esses momentos marcaram as nossas vidas e nos tornaram unidos até os dias de hoje. Hoje, minha esposa e uma das minhas cunhadas não estão mais vivas, assim como meu sogro que trabalhou muito para comprar essa casa também já partiu. Essas lembranças contam muito sobre a história da nossa família e significam muito mais do que posses em dinheiro.”

João Nunes

Ressalta-se então que o imóvel representa um valor que ultrapassa a questão material envolvida, mas considera principalmente a casa como um bem de valor memorial, aproximando-se do sentimental.

Por último, foi perguntado ao proprietário do imóvel, João Nunes, se o mesmo percebia que o potencial histórico de Vigia era explorado, por meio de visitas turísticas, conhecimento sobre a história do lugar ou ainda, pela arquitetura tipicamente colonial do centro da cidade. “Muito pouco. A história de Vigia, apesar de rica, nunca foi muito valorizada nem mesmo pelos conterrâneos, e por isso, menos ainda pelos visitantes.” respondeu.

3.2.2 Residência Da Família Soeiro – Antiga Família Nunes

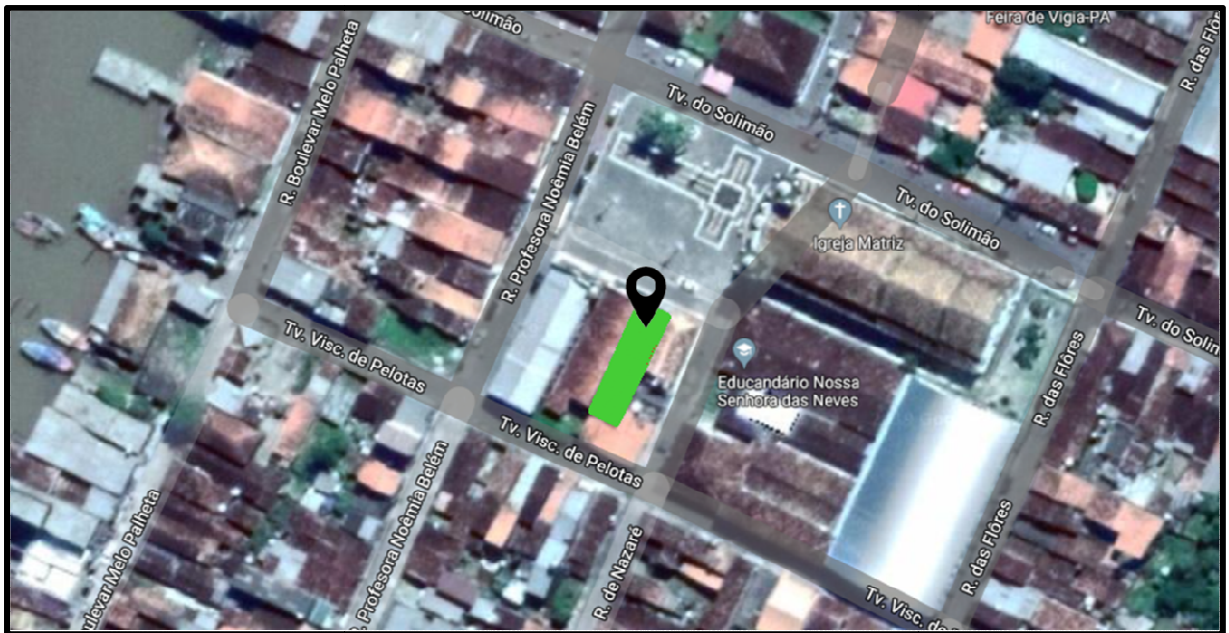
Após meses de tentativas de visitas, conseguiu-se entrar na residência da família Soeiro no meio do mês de novembro. Por meio da senhora Etileia Soeiro, e de suas irmãs Izabel e Lídia obteve-se informações sobre a história da casa, assim como a trajetória da família no imóvel. As três irmãs afirmam que o imóvel foi comprado há cerca de 55 anos atrás, quando Etileia tinha apenas 24 anos de idade, pelo pai delas.



Fotografia 33 – Residência histórica da família Soeiro, ao canto direito da fotografia o memorial histórico sobre seu primeiro proprietário, Francisco Quintino de Araújo Nunes.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

A família presenciou o antigo entorno urbano, quando as ruas não eram pavimentadas, e não existia a praça, apenas a Igreja Matriz e um enorme largo de terra. Todas essas memórias são fundamentais para cuidar do patrimônio que circunda o imóvel, e Dona Etiléia guarda boas lembranças do local. “Foi aqui que fomos criadas e que criamos nossos filhos, e hoje netos. Passamos nossa juventude no local, mas tudo era muito diferente de como é hoje” relembra.



Mapa 07 – Localização da residência Soeiro em relação a Igreja Matriz.

Produzido pela autora em dez 2019.

A família ainda foi responsável pela troca dos pisos de madeira desgastados, e pela substituição do forro. O desejo da família era preservar o imóvel totalmente intacto, frente às mudanças do tempo, mas não fora possível uma vez que a região é marcada pelo clima quente e úmido, repleta de chuvas, e as paredes de barro começaram a ceder. Foi preciso substituir as paredes internas, entretanto a fachada está totalmente preservada e passa por reformas periódicas, como pode ser observada por qualquer visitante do Paço da Igreja Matriz que observe a casa.

A antiga família que construiu o imóvel pertencia a família do patriarca Francisco Quintino de Araújo Neves. Francisco Quintino foi um professor influente na formação cultural de Vigia. Fundou a Sociedade Literária 5 de Agosto ao lado esquerdo de sua

residência, e lá ministrou aulas de português e literatura histórica que formou grande parte do acervo cultural da cidade.

Acredita-se que o imóvel tenha sido construído por volta do ano de 1870, mesmo período em que o primeiro prédio da instituição jesuíta Educandário Nossa Senhora das Neves foi demolido. Um memorial está erguido no canto do imóvel como memória à história da cidade, e apesar dos danos naturais é possível conhecer parte da história do imóvel.

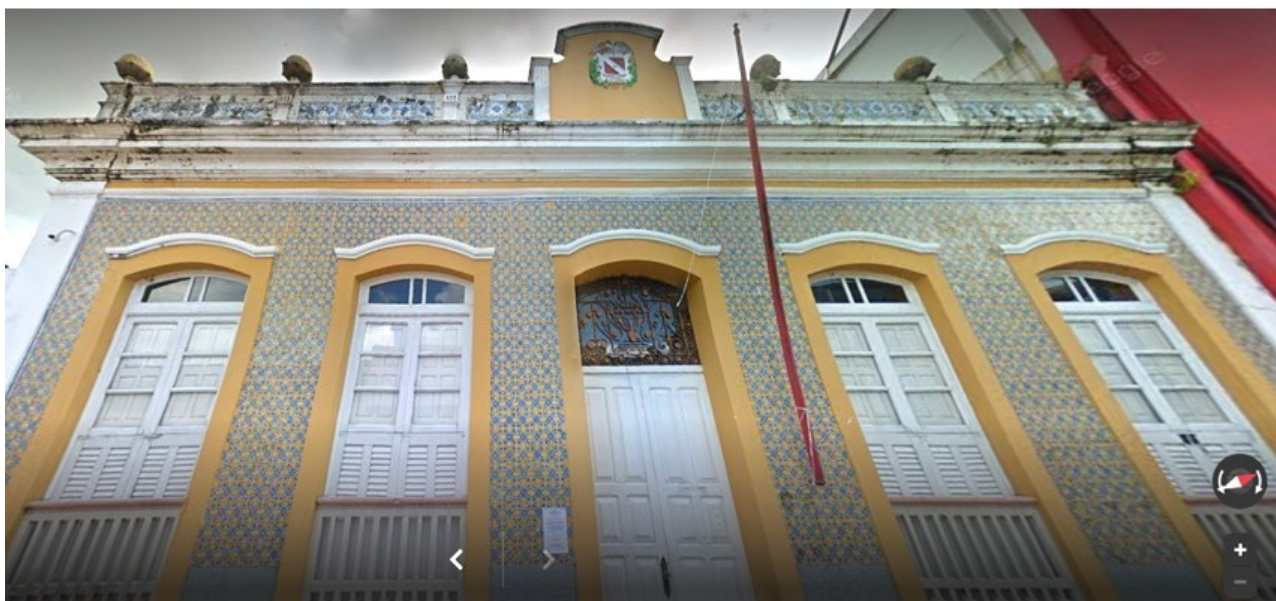
No geral a casa sofreu poucas intervenções em sua planta original, sendo que apenas o banheiro e a cozinha tiveram paredes levantadas. Não se obteve informações porque as esquadrias dos imóveis foram substituídas, sendo que apenas as portas das áreas sociais foram conservadas.



Croqui 03 – Planta modificada da residência histórica da família Soeiro.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.

3.2.3. Museu De Vigia - Antiga Residência do Barão De Guajará



Fotografia 34 – Fachada frontal vista de baixo para cima.

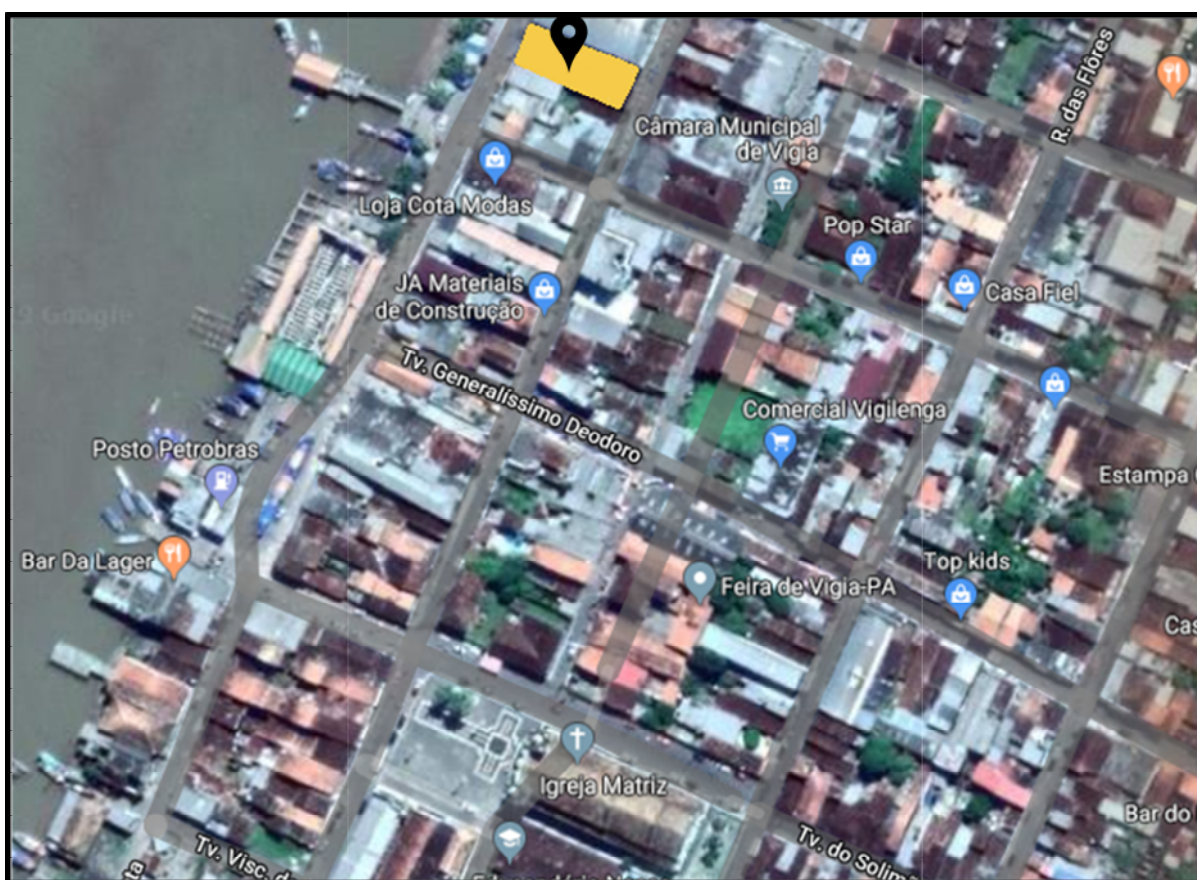
Fonte: Google Street View. Acesso em dez 2019.

O imóvel é um dos prédios de maior valor institucional em Vigia e com grande importância na história da educação da região. Foi erguido em data desconhecida, mas adquirido pelo Estado em 1934 de Fenelon Cleofas de Melo, na gestão Magalhães Barata e no governo de Augusto Montenegro, que alavancou o desenvolvimento paraense.



Fotografia 35 – Perspectiva da extensa fachada.

Fonte: Google Street View. Acesso em dez 2019.



Mapa 08 – Localização do Museu de Vigia em relação a Igreja Matriz.

Produzido pela autora em dez 2019.

No prédio funcionou o Grupo Escolar Barão de Guajará, que abrigou o primeiro Grupo Escolar de Vigia. O colégio funcionou até o ano de 2004 quando foi instaurado o Museu da história de Vigia , que manteve o nome título Barão de Guajará até os dias de hoje. Em destaque amarelo na planta arquitetnica, estão as áreas modificadas no imóvel:



*Croqui 04 – Planta atual do Museu de Vigia, antigo Grupo Escolar de Vigia Barão de Guajará.
Cedido pela Prefeitura de Vigia de Nazaré, 2019.*

O imóvel foi bem conservado desde a sua fundação até o ano de 2016 quando entrou em reforma e não voltou a funcionar desde então. Os preceitos da preservação patrimonial acompanham o imóvel, uma vez que fora edificado após o período áureo de Belém, a Belle Époque, e também por ter sido transformado em museu. As salas foram conservadas e não se obteve informações específicas sobre as alterações posteriores da edificação.



Fotografia 36 – Fachada posterior do atual Museu de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

Como museu, o imóvel se tornou o principal bem de conservação do patrimônio vigiense e apresenta em sua própria estrutura um exemplar da arquitetura eclética do período.



Fotografia 37 – Entrada atual do museu, ainda em reforma.

Fonte: Polícia Civil, 2019.



Fotografia 38 – Sala Amarela do Museu de Vigia de Nazaré.

Fonte: Tiago Costa, 2016.

4. Percepção da População em relação à preservação patrimonial

4.1. Percepção do espaço segundo a autora

À primeira vista, Vigia aparenta ser uma cidade pacata aos indivíduos que a visitam pela primeira vez. Suas casas de perfil simples com pouca movimentação de pessoas, aliadas à preservação da mata nas rodovias que cortam a região reforçam ainda mais a ambiência rural da cidade. Mas ao adentrar-se a região, logo a ideia é confrontada, com uma grande quantidade de habitantes no centro e uma quantidade relevante de empreendimentos comerciais.

Vigia passa a noção de que é uma cidade em constante desenvolvimento, quando se está nas regiões centrais do município. Apesar de ainda sofrer problemas como desigualdade social, baixa escolarização da população e uma má conservação do patrimônio histórico, Vigia se mostra como um lugar em constante ascensão e progresso econômico.

A imagem que a cidade passa é de um povo trabalhador e estimulado pela posição geográfica do município vigiense, que recebe diariamente diversos tipos de mercadoria para comercializar, seja pelas estradas, ou pelos barcos vindo de diversos estados e outros países que ancoram diariamente na região.

O centro comercial, que também é o centro histórico de Vigia estimula os sentidos, uma vez que o lugar é repleto de informações que o visitante observador pode não estar acostumado presenciar. A paleta de cores do local, o cenário pesqueiro, a grande quantidade de produtos comerciais e suas respectivas propagandas, assim como a atmosfera colonial do lugar levam o indivíduo a uma experiência agradável de contemplação de uma região com diferenciação do espaço urbano que está acostumado.

Percebe-se que o espaço de Vigia possui particularidades especiais assim como uma grande valorização cultural na região, não sendo a toa a alcunha de *Atenas Paraense*. Percebe-se também que a área não pode ser rapidamente estudada ou analisada, devido à vastidão de sua cultura em diversos âmbitos.

4.2 Percepções sobre preservação do patrimônio segundo os habitantes.

Após a análise do patrimônio imóvel, foi discutido com a população de que forma o a herança histórica se relaciona com a comunidade. A intenção do levantamento é verificar se o patrimônio afeta, de fato, a memória e a vida dos moradores de Vigia de Nazaré.

Para realizar-se a pesquisa foram utilizados os métodos da Pesquisa Social de GIL, que a define como um procedimento formal e sistemático, que busca encontrar respostas para um problema social. O autor esclarece que a Pesquisa Social se identifica como uma pesquisa pura, ou seja possui caráter investigativo, que não concentra-se em resolver o problema, mas proporciona novas descobertas para campo de pesquisa; ao contrário da pesquisa analítica.

As entrevistas realizadas, assim como a análise dos dados coletados, se encaixam na subcategoria *explorativa* de Gil. A pesquisa explorativa deve ser utilizada, segundo o autor, em temas de pesquisa pouco ou nunca estudados anteriormente. A finalidade do estudo é ter um primeiro contato com o objeto estudado, por meio de investigação documental, bibliográfica, estudos de campo e entrevistas não padronizadas (GIL, 1987).

“Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados”

Antônio Carlos Gil

De acordo com tais procedimentos adotados para a pesquisa social desenvolvida na cidade de Vigia, define-se como principal objetivo da presente análise descrever fenômenos relacionados à arquitetura de Vigia, em relação á sua conservação e o valor dado pela comunidade que possui estes bens.

A razão para realizar o levantamento social em Vigia baseia-se na premissa de que a preservação do patrimônio só ocorre quando a população valoriza os bens culturais que possui. Logo, torna-se inviável a conservação destes elementos caso a população não tenha nenhum laço afetivo com a história de seu patrimônio.

COLETA DE DADOS

A seleção dos entrevistados ocorreu de maneira indistinta (sem critérios rígidos), desde que o indivíduo fosse residente em Vigia, onde fora identificado seu nome, sua idade e o bairro em que morava. Optou-se por aplicar-se o questionário no Bairro Centro, em diversos pontos, de maneira que o entrevistado analisa-se rapidamente o cenário histórico questionado. Entrevistou-se 25 pessoas, entre as idades de 21 a 63 anos.

Primeiramente adotou-se as seguintes perguntas como medidas de reconhecimento da cidade, segundo a percepção dos moradores. As perguntas apresentaram caráter genérico, em relação ao estilo de vida de Vigia.

1. Há quanto tempo mora em Vigia?
2. Considera Vigia um bom lugar para se morar?
3. Considera um local com boas opções de lazer?
4. O que gostaria de mudar no local?
5. Gostaria de se mudar da cidade?
6. Qual o principal ponto positivo da cidade?

Imagem 04 – Questionário de perguntas gerais aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Em seguida, as mesmas pessoas foram questionadas sobre quesitos relacionados ao patrimônio, especificamente o imóvel; que relacionava perguntas sobre o valor histórico de e às preferências pessoais dos indivíduos entrevistados.

7. Qual elemento você considera o mais simbólico de Vigia?
8. Qual patrimônio imaterial você considera essencial à cultura da cidade?
9. Considera as residências históricas importantes para a cidade?
10. Moraria em algum destes imóveis antigos?
11. Qual problema considera o principal em relação aos imóveis históricos? (Descaracterização, abandono ou estética?)

Imagem 05 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Após a conclusão de todas as entrevistas organizou-se as respostas, ainda que fossem subjetivas, em uma sequência respostas padronizadas, de maneira que fosse possível transformá-las num gráfico estatístico, de maneira que os fenômenos sejam melhor representados e entendidos. A seguir, estão descritas as seguintes respostas das 25 pessoas entrevistadas.

Sobre a primeira pergunta, 3 (12%) dos entrevistados afirma que chegaram na cidade para morar há menos cinco anos. 5 Pessoas (20%) afirmaram que residem em Vigia num período entre cinco e vinte anos. Os outros 17 entrevistados (68%) afirmam que moram há pelo menos 20 anos no local, sendo que a grande maioria nasceu na cidade.

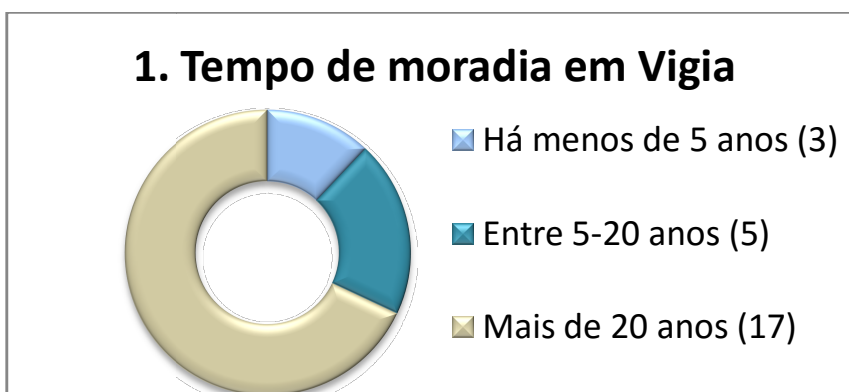


Gráfico 01 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

A segunda questão obteve os seguintes dados: 22 pessoas (88%) consideram Vigia um bom lugar para se viver, e 3 pessoas (12%) da amostra afirmaram que não consideram Vigia um local ideal para morar. Quando questionados sobre o porquê de residirem no local, toda a parcela afirmou que estavam lá por motivos de empregabilidade rápida e um custo de vida relativamente baixo.

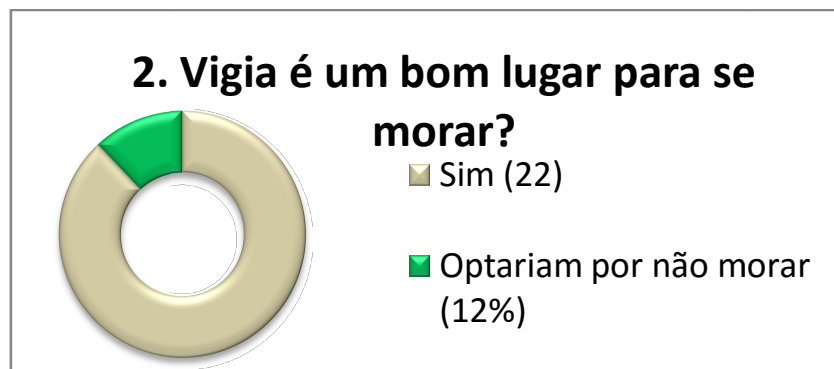


Gráfico 02 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Quando questionados sobre a variedade das opções de lazer, a população se mostrou em grande parte satisfeita. Das 25 pessoas interrogadas, 19 delas (76%) afirmaram que Vigia possui boas opções de lazer, como praças, igarapés, oficinas artísticas e praias dos municípios vizinhos. Apenas 6 pessoas (24%) definiram que as opções de lazer são insuficientes para o divertimento local da população.

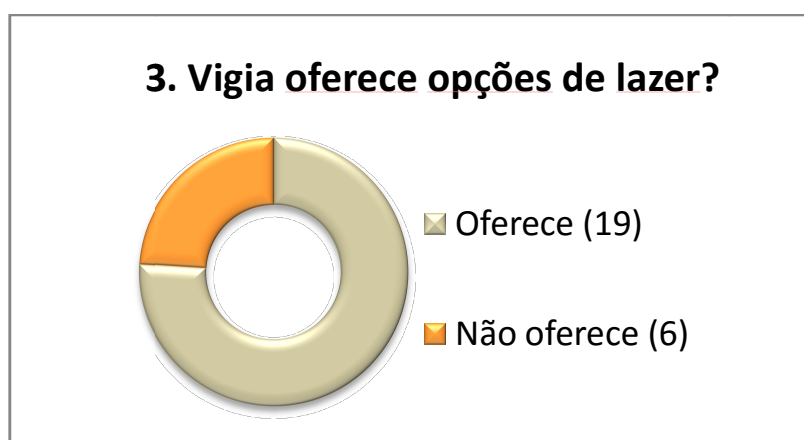


Gráfico 03 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

A quarta pergunta era de cunho subjetivo e questionava a população sobre o que deveria ser interferido urgentemente. 11 pessoas da amostra (44%) afirmaram que gostariam que a Infraestrutura local fosse melhorada, como iluminação pública, pavimentação das vias, sistema de esgoto universal, entre outros. 7 indivíduos consideraram a reforma da Igreja Matriz como uma intervenção urgencial da cidade. 4 pessoas (16%) definiram que a

prioridade no município deve ser inserir novas opções de lazer para a população. E por fim, 3 (12%) pessoas citaram que a orla deveria ser melhor aproveitada pelos visitantes, como uma área turística.

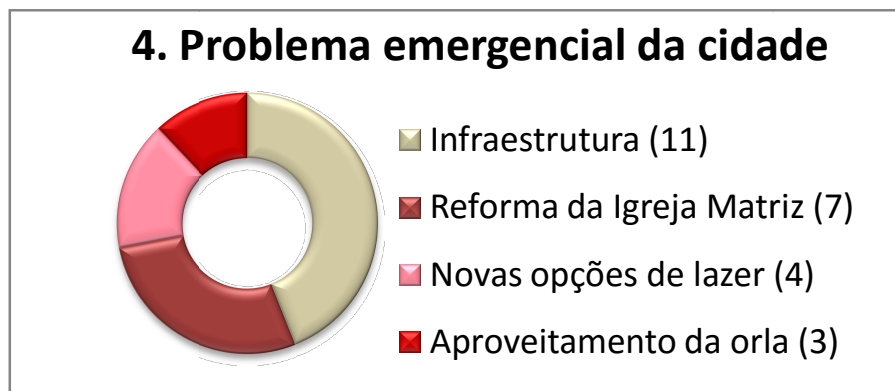


Gráfico 04 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Na quinta questão, foram perguntados se gostariam de se mudar se tivessem opção. Apenas 6 pessoas (24%) disseram que sim, se mudariam, enquanto que 19 (76%) moradores afirmaram que não.

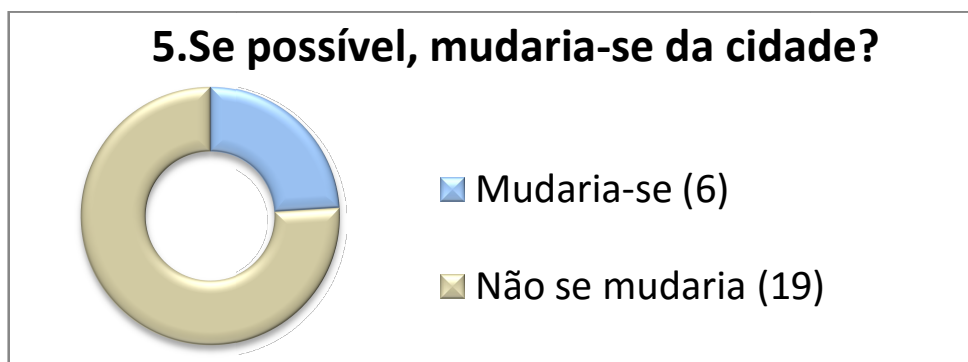


Gráfico 05 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Quando questionados, sem opções definidas objetivamente, sobre quais seriam os pontos positivos do município, 16 responderam (64%) que o estilo de vida em Vigia era relativamente bom. Qualidades como “lugar tranquilo”, “custo de vida bom” foram frequentemente citados, levando a entender que a maioria da população gosta da característica

de uma cidade que não foi afetada pelo crescimento urbano acelerado. Do restante, 6 pessoas (24%) afirma que o mercado de trabalho é um atrativo na cidade, pois o centro comercial é bastante aquecido, e por fim, 3 pessoas (12%) caracterizaram a estrutura da cidade, de caráter pequeno em relação ao centro comercial, como um ponto positivo, não necessariamente como um fator de conforto em relação ao estilo de vida;mas de um fácil acesso aos serviços públicos e privados.

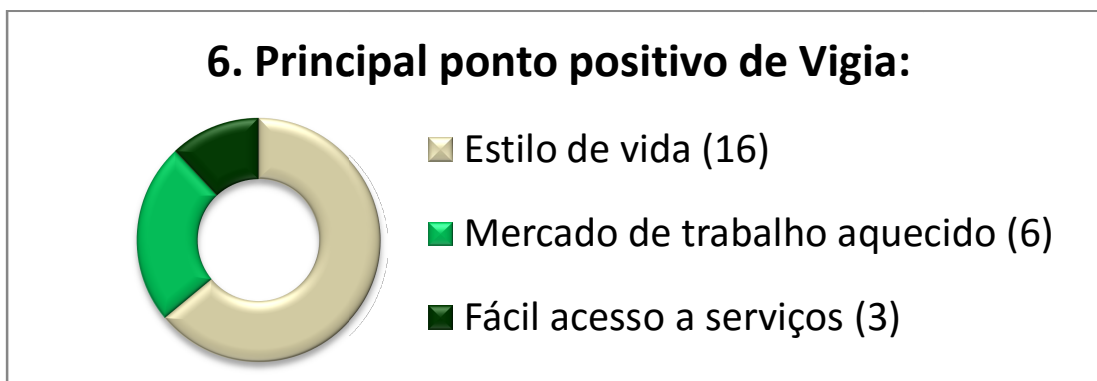


Gráfico 06 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Foi perguntado qual o elemento mais simbólico da região para essa parcela de moradores, sem alternativas preexistentes. pessoas (36%) definiram que a Igreja de Pedra é o marco da cidade, 6 (24%) disseram que a Gurijuba ou o pescado, em si, é o principal elemento representativo, 5 (20%) definiram a Igreja Matriz como o símbolo da cidade, 4 (16%) disseram que o Carnaval é o maior acontecimento local, e apenas uma pessoa afirmou que o Círio é o elemento que representa Vigia.

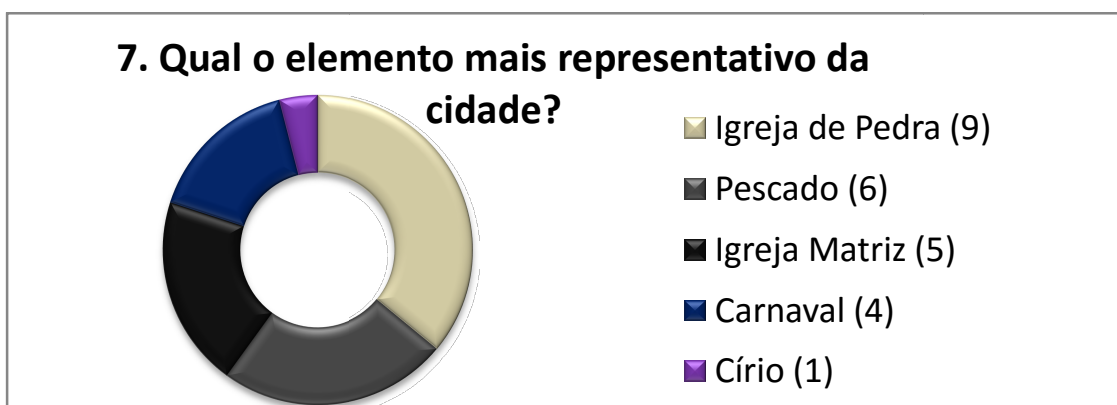


Gráfico 07 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

O patrimônio imaterial também foi questionado na entrevista, e quando perguntados qual destes seria o mais presente na cidade a música ficou em primeiro lugar, com 18 pessoas (72%) definindo-a como o bem mais presente da 5 pessoas (20%) definiram a literatura como uma atividade importante exercida na região. 2 pessoas (8%) afirmaram que as telas pintadas na cidade eram o patrimônio mais diferenciado da região. Curiosamente, nenhuma das 25 pessoas relacionou a gastronomia local como um patrimônio cultural.



Gráfico 08 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Quando questionados na nona pergunta se consideram os prédios arquitetônicos locais como um bem de importância histórica, 22 entrevistados (88%) responderam que sim. Apenas 3 pessoas (12%) revelaram que não consideram os bens importantes para a cidade, pois para eles, os casarões não se relacionavam com a história da cidade porque segundo eles, as autoridades competentes não incentivavam essa relação.

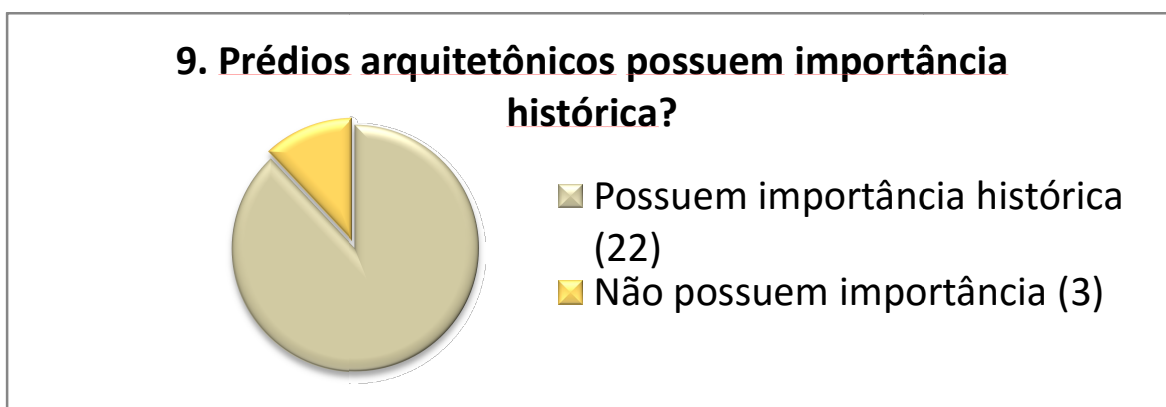


Gráfico 09 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

A décima pergunta trouxe resultados interessantes, com grande valor de análise. Foi perguntado à população se eles residiriam numa das casas históricas e apenas 17 pessoas (68%) afirmaram que sim. Foi questionado porque 8 pessoas (32%) disseram que não, se as mesmas anteriormente afirmaram que os imóveis possuíam importância histórica. No geral, a justificativa dada por elas foi que estas casas apresentam danos que tornam a edificação inadequada para moradia, apesar de uma boa parte da população residir nestes imóveis.

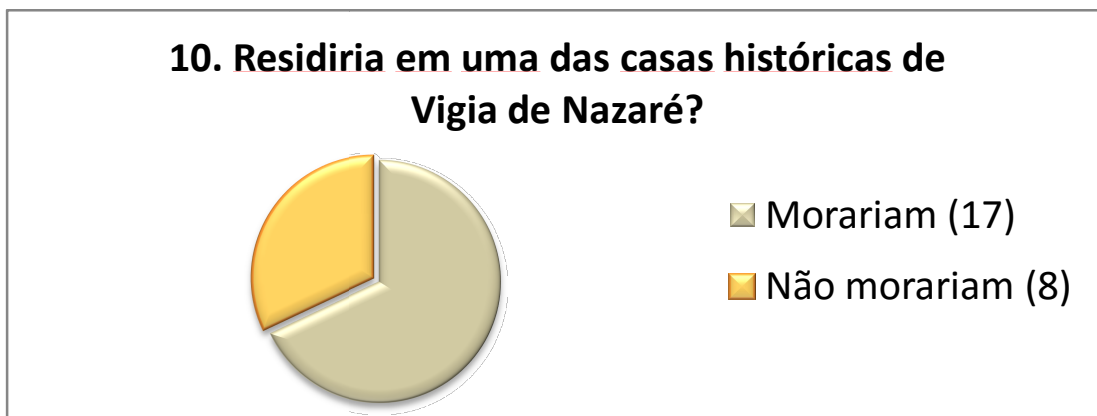


Gráfico 10 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

A última pergunta trata da questão da conservação dos imóveis, sobre quais seriam os principais problemas destas edificações históricas na cidade de Vigia. 21 pessoas (84%) concordaram que o principal problema seja o abandono da manutenção destes imóveis, enquanto que 3 (12%) afirmaram que a alteração em sua forma original seja o pior dano para a edificação. Apenas 1 pessoa (4%) afirmou que a estética do imóvel não era agradável e por isso, as pessoas não se interessavam em sua preservação.

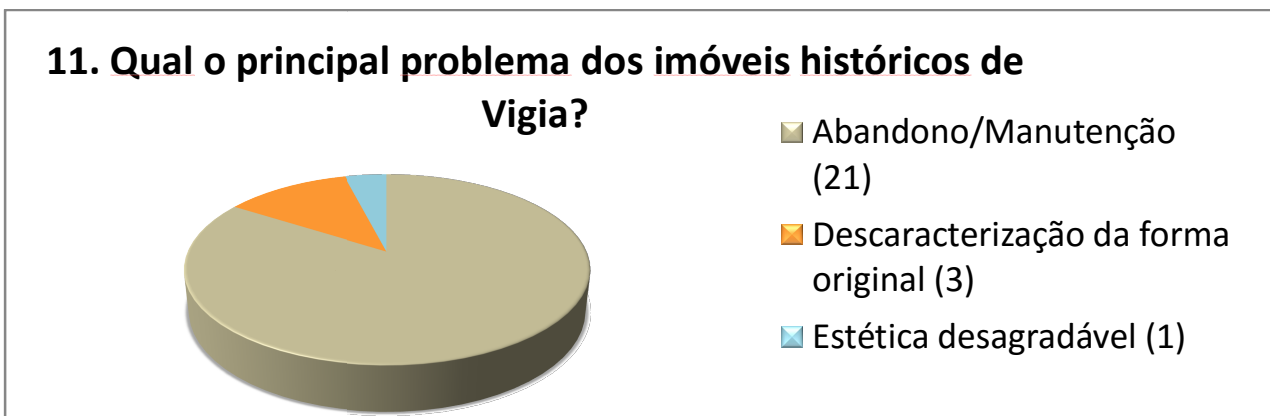


Gráfico 11 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos habitantes de Vigia.

Fonte: Fernanda Oliveira, 2018. (adaptado)

4.3 Percepção do patrimônio cultural de Vigia segundo a população não-moradora.

Por último foi coletada a opinião de pessoas que nunca moraram em Vigia, que visitaram ou não a cidade anteriormente. A intenção deste questionário é observar quais informações representam Vigia em limites além de seu município. Entende-se também que o imaginário e os símbolos que as pessoas criam do local afeta diretamente o turismo da região.

Foram realizadas quatro perguntas genéricas, sem seleção criteriosa dos 53 indivíduos que responderam, excetuando os moradores do município. Como as respostas foram obtidas por meio de formulário eletrônico, para que o alcance das perguntas fosse aumentado, não foram coletadas muitas informações pessoais dos indivíduos entrevistados, fato que em nada afetou a coleta de dados. Os dados percentuais foram arredondados, eliminando os decimais, para simplificar a interpretação dos dados.

As seguintes perguntas foram feitas, sendo as duas primeiras objetivas, a terceira de caráter subjetivo, e a última de alternativas SIM/NÃO.

QUESTIONÁRIO DESTINADO À POPULAÇÃO PARAENSE NÃO-MORADORA DE VIGIA – PERCEPÇÃO DE VIGIA DE NAZARÉ

- Já ouviu falar do município de Vigia de Nazaré?
- Já visitou a cidade? Qual a frequência?
- Quais as atrações turísticas que relaciona com Vigia de Nazaré?
- Tem conhecimento sobre a importância história do lugar?

Imagem 06 – Questionário aplicado aos não moradores da cidade.

Fonte: Camila Trindade, 2019

COLETA DE DADOS

A primeira pergunta questionava se os indivíduos tinham conhecimento da cidade de Vigia, sem necessariamente ter ido ao local. 42 pessoas (80%) afirmaram que sim, sabiam que a cidade existia, enquanto que 11 pessoas (20%) nunca ouviram falar no lugar.

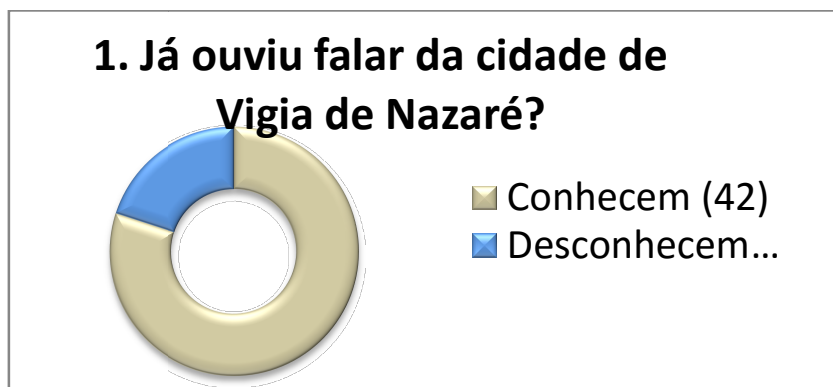


Gráfico 12 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos não-moradores de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Das 53 pessoas entrevistadas, 27 (51%) afirmaram que já visitaram o local em algum momento, enquanto que 26 (49%) nunca conheceram a cidade pessoalmente. Eliminando as 11 pessoas que nunca tinham ouvido falar da localidade, 15 pessoas (28%) têm conhecimento sobre Vigia mas ainda não tiveram a oportunidade de conhecer a cidade.

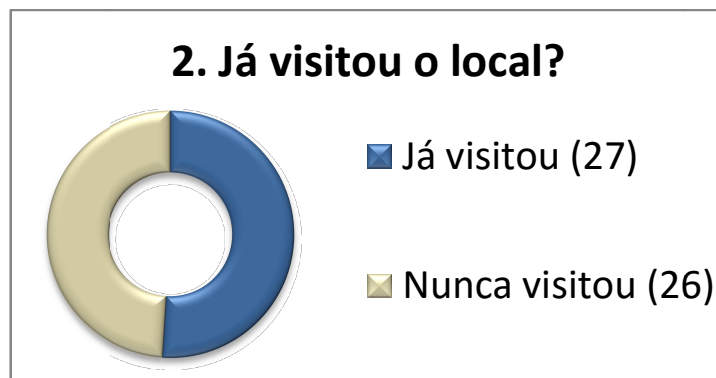


Gráfico 13 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos não-moradores de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

Na terceira pergunta o interrogado foi levado a buscar uma resposta sem nenhuma interferência do entrevistador.

3. Quais as atrações turísticas que você relaciona com o lugar?

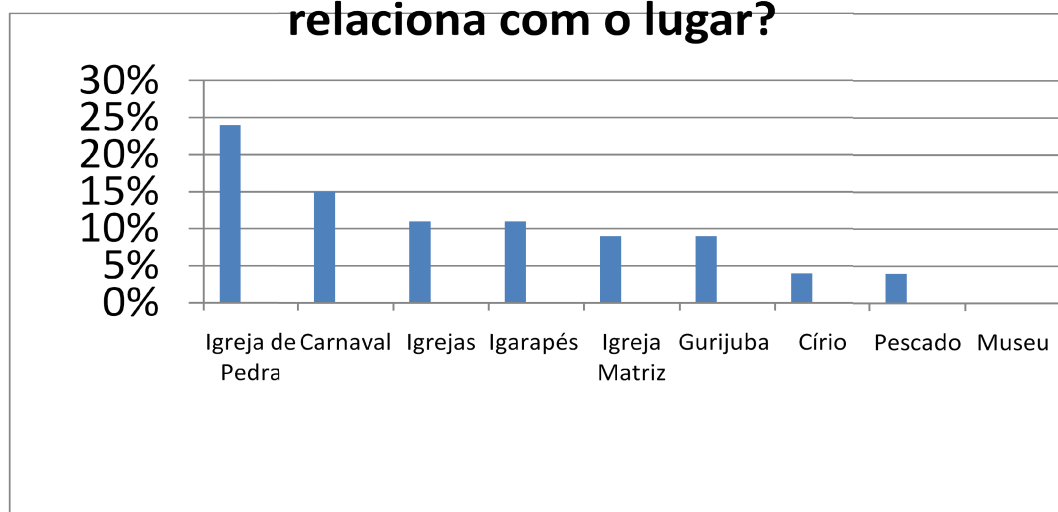


Gráfico 14 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos não-moradores de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

As respostas predominantes estão descritas no diagrama abaixo e dizem respeito ao imaginário de Vigia de Nazaré para pessoas que não moram na região, sobre quais são os elementos turísticos que mais chamam atenção. O tamanho delas está diretamente proporcional à frequência da resposta, a seguir:



Imagem 07 – Nuvem de palavras representativas de Vigia de Nazaré.

Elaborado por: Camila Trindade, 2019.

Percebe-se que o imaginário simbólico de Vigia de Nazaré concentra-se especialmente nos elementos de natureza religiosa, assim como sobre suas festividades, e ainda sobre os igarapés, museu e sua cultura pesqueira. Dos 53 entrevistados, 13 entrevistados (24%) consideram a Igreja de Pedra o elemento mais simbólico de Vigia. Em segundo lugar, o Carnaval representa o segundo elemento mais simbólico, com 8 pessoas (15%) o definindo como a principal atração da cidade.

Respectivamente as Igrejas (6 pessoas – 11%), os Igarapés (6 pessoas – 11%), a Igreja Matriz (5 pessoas – 9%), a Gurijuba (5 pessoas – 9%), o Círio (2 pessoas – 4%), o Pescado (2 pessoas – 4%) e por um único voto (2%), o Museu também foi citado pessoas definiram desconhecer qualquer forma de patrimônio regional.

A última pergunta realizada aos potenciais visitantes questionava se eles tinham conhecimento sobre a importância histórica de Vigia de Nazaré. Apenas 25 pessoas (47%) afirmavam que tem conhecimento sobre o valor histórico da cidade, enquanto que 28 entrevistados (53%) confirmou nunca ter ouvido falar sobre a importante história de Vigia.

4. Tem conhecimento sobre a importância histórica do lugar?

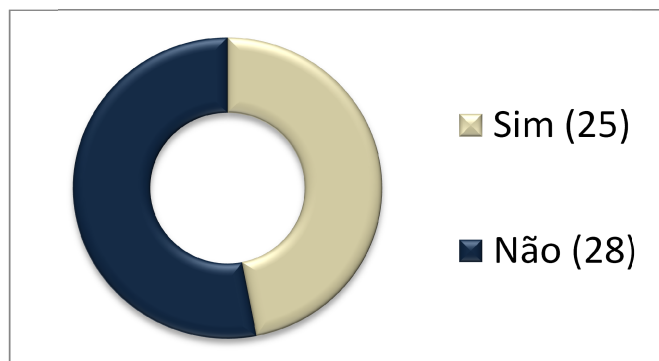


Gráfico 15 – Questionário de perguntas específicas aplicado aos não-moradores de Vigia.

Fonte: Camila Trindade, 2019

5. A importância do turismo no patrimônio vigiense

O Turismo, como fenômeno geográfico, gera múltiplas relações complexas de importância cultural, socioeconômica e ecológica entre os núcleos emissores e receptores (MOTA, 2007). Diante disso, a atividade turística gera efeitos para todas as partes envolvidas, seja a população que recebe o visitante, seja a cultura que recebe tais indivíduos em seu ambiente natural.

Logo, não se pode negar que a atividade turística movimenta recursos financeiros, emprega mão-de-obra, permite o intercâmbio cultural, promove o embelezamento paisagístico e pode melhorar a qualidade de vida das populações envolvidas. (MAGALHÃES, 2002, p.3). As relações de troca e a experiência de conviver com o diferente são valiosas, não apenas por proporcionar uma experimentação de novidade para o indivíduo, mas contribui na sua formação cultural, na sua visão de mundo, e em diversos valores que no futuro, se manifestarão na região em que mora o indivíduo.

Em Vigia, reconhece-se que o turismo ocorre de maneira sazonal, assim como em outras regiões marcadas por períodos comemorativos, a cidade recebe viajantes em determinados períodos do ano. O Carnaval e o Círio de Nazaré, como já foram apresentados anteriormente, são celebrações que marcam o território e também o imaginário dos vigienses. Dessa forma, observa-se um fluxo intenso de pessoas nos meses de fevereiro e outubro, respectivamente.

Diferentemente, no período das tradicionais festas escolares, o intenso fluxo migratório para a região não é percebido como nas outras épocas.



Fotografia 39 – Igreja Matriz durante o festival do Círio de Nazaré.

Fonte: Portal Cultura Vigilenga. Autor desconhecido. Acesso em nov 2019.

Os impactos do turismo são fortemente marcados pela sequência de eventos provocados pelos processos socioeconômicos que ocorrem nos locais que recebem os visitantes. As diversas variáveis apresentadas no diagrama abaixo provocam impactos tanto positivos quanto negativos, mas geralmente irreversíveis quando ocorrem no espaço territorial (RUSCHMANN, 2008, p.34).

Como exemplo, a capital São Luís (MA) apresenta a uniformização de edificações que são referências da arquitetura que são na maioria das vezes aclamados pelo público visitante. Apesar disso o fluxo de imigrantes no local pode causar desconforto para os habitantes da região, como poluição sonora, superlotação de algumas áreas, poluição de lixo, e em casos extremos vandalismo.

Por outro lado, a população que visita o centro histórico se depara com situações que não esperava que acontecesse. O processo de abandono de alguns dos imóveis existe, assim como outros problemas na capital, o que pode gerar também uma sensação de descontentamento com a visita.

Todos esses problemas exemplificados demonstram como uma simples visita, carregada de fatores como investimento e expectativa pode acarretar impactos negativos na experiência da população receptora, e da população migrante, como afirma Mota (2007). Segundo o autor, é papel do poder público, independentemente da esfera, mediar a situação de maneira que tais impactos negativos sejam evitados.

Em contrapartida, é importante observar que quando o turismo é bem planejado, o efeito positivo também é válido e traz uma série de repercussões benéficas ao ambiente turístico. No caso de Piranhas, município alagoano, a potencialidade da região foi explorada, ainda os recursos do lugar fossem limitados. Igarapés, praias e, um investimento maciço no artesanato e na infraestrutura local garantiu uma melhoria, nos últimos anos que hoje configuram a região como importante zona turística. Além do ambiente, que ganha em estar sempre bem cuidado e bem conservado, a população é beneficiada com um processo de inserção de capital no mercado, com uma entrada constante de turistas.

Não diferente em Vigia, o turismo pode ser fator beneficiário, desde que haja um maior investimento em lazer e em infraestrutura que abranja todos os públicos potenciais do local. Percebe-se que de fato há um investimento em atrações turísticas, mas elas não englobam todas as diversidades populacionais que visitam o local, e esses investimentos ocorrem de maneira limitada. Na maioria dos casos, os investimentos ocorrem em períodos como: Carnaval e Círio de Nazaré, em ordem decrescente, e tais atrações estão sempre de acordo com esses públicos. Entretanto é preciso abranger outros públicos que não estão relacionados com tais atividades, e que ocorram de maneira recorrente, não apenas nos períodos de festejo.



Fotografia 40 – Paço da Igreja Matriz de Vigia de Nazaré.

Fonte: Camila Trindade, 2019.

O Ecoturismo é um termo que emerge do turismo alternativo e que tem total capacidade de adequação ao cenário vigiense, uma vez que o território contempla a premissa de designar um ambiente rural como cenário de lazer e contemplação).

Dessa maneira, o ambiente natural de Vigia também poderia manifestar a cultura local, de maneira totalmente adaptável, sendo gerado renda e trabalho, além de garantir ao visitante experimentador uma vivência original e única. Nesse exemplo, o turismo é contribuinte tanto para ambas as comunidades, como para o próprio espaço que mantém-se conservado e bem cuidado (CAPRA,1996,p. 291).

O turismo é, sobretudo, uma atividade geradora de atividade econômica por se inserir na dinâmica da economia local, provocando a circulação de capital entre diferentes localidades, através da produção e consumo de bens e serviços turísticos. (SOUZA, 2006, p.14). Nesse contexto, o turismo é uma ótima fonte de renda para a cidade, e para outras, o principal. Por

isso a sua preservação é fundamental para fins econômicos, para a afirmação da identidade cultural dos próprios habitantes, fortificação da cultura nacional, como crítica o autor Stuart Hall na obra sobre identidade cultural na pós modernidade.

Além disso, a Carta Patrimonial de Bruxelas, desenvolvida na capital em 2009 define que o patrimônio de determinada cidade histórica deve ser explorado turisticamente, de maneira que o combate à pobreza e à periferização sejam reduzidas no lugar em questão.

A Lei n° 181 de 28.03.91 estabeleceu a Política Nacional de Turismo e foi regulamentada através do Decreto n.º 448, de 14/02/92, que explicita como principal objetivo desta Política, o desenvolvimento do turismo e seu equacionamento como fonte de renda, de geração de emprego e do desenvolvimento sócio - econômico do País.

De acordo com o Decreto n.º 448, a formulação, coordenação e execução desta política é de responsabilidade da EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo. (BNDES, p 15.) De acordo com o BNDES o turismo é necessário para a cultura, além de ser importante para a geração de renda e trabalho local. Com isso, a atuação de órgãos brasileiros no fomento desse trabalho, estimularia a população na área micro empreendedora e na circulação de capital.

Em resumo, acredita-se que o turismo influencia na conservação do patrimônio do lugar uma vez que é bem conservado e sua história é disseminada pela população; e quando feito com cuidados e de maneira preservacionista. É importante que a população (receptora e visitante) tenha ciência do que é Educação Patrimonial, e de que a legislação esteja de acordo com os objetivos visados pela cidade em questão.

PROPOSTA

Em qualquer área turística existente, os roteiros são fundamentais para a organização das atividades desenvolvidas na área em que se pretende explorar, seja em pequenas localidades ou em grandes metrópoles urbanas. A partir das análises desenvolvidas no presente trabalho, pretende-se elaborar um roteiro turístico selecionando os principais pontos culturais e históricos que representam Vigia de Nazaré.

Elaborar um roteiro é guiar o turista a visitar não só os pontos mais atrativos da cidade, mas também os locais importantes para a memória, que explicam como se deu o desenvolvimento deste território. Em Vigia, optou-se por visitar apenas os pontos do núcleo do centro histórico da cidade, no bairro denominado Centro, para que o passeio pudesse ser realizado a pé pelos itinerantes.

Foram desenvolvidas diferentes itinerários de passeio em Vigia, selecionando os principais pontos que pudessem ser percorridos a pé. Foram destacadas as edificações aqui analisadas no capítulo 3 como exemplos a serem conhecidos de imóveis da arquitetura de Vigia. Opções da culinária local também foram destacadas, sem entrar nos itinerários de maneira que o turista tivesse a livre escolha de optar pelas comidas típicas.

O ideal seria que os turistas tivessem a visita guiada por um especialista que pudesse revelar a história local, e expor ao visitante os aspectos históricos, como a colonização portuguesa, a Cabanagem, e a Belle Époque influenciaram no desenvolvimento territorial da cidade. Além de tudo isso, maior aproveitamento da paisagem natural, como a chegada até a orla do Boulevard Francisco de Melo Palheta serviria como atividade de contemplação da natureza no centro econômico da cidade, que fica bem de frente para o Rio Guajará-Miri.

Em suma, é importante que um melhor aproveitamento do espaço já existente seja considerado como atrativo para o turismo, que movimenta outras atividades, como o comércio e os restaurantes locais. Seguindo a mesma ideia, é importante também incluir sempre as edificações históricas no desenvolvimento da atividade turística, para que não apenas a entrada de capital seja melhorada, mas para que a cultura seja preservada e valorizada pelos migrantes do local. A seguir, a Cartilha de Vigia de Nazaré – guia de patrimônio cultural, juntamente com sua capa e contracapa:



Imagem 08 – Capa e contracapa do roteiro turístico.

Fonte: Camila Trindade, 2019

SOBRE A CIDADE

- Vigia é uma cidade do estado paraense com um grande patrimônio cultural e histórico, que fica a apenas 100 km da capital, Belém,
- Foi colonizada uma semana antes da capital, por portugueses que posteriormente enviaram as missões jesuítas para a região.
- Assim desenvolveu uma cultura originária da união dos portugueses e indígenas, com festividades, tradições católicas e uma arquitetura diferenciada, como poços jesuítas, igrejas do século XVIII e casarões históricos.
- A cidade é chamada de Atenas Paraense, devido à presença de casas literárias, cafeterias e diversos grupos musicais na região.
- Possui diversos balneários como opções de lazer, banhados pelos igarapés e rios da região.
- Possui uma enorme cultura pesqueira com uma orla repleta de embarcações do município.
- Diversos festivais são realizados na cidade, como o Carnaval, que já chegou a receber 80 mil brincantes e possui diversos blocos.
- O Círio de Nazaré também é importante na cidade, foi o primeiro a acontecer na história (desde 1888) e até hoje mobiliza pelo menos milhares de fiéis.



Imagem 09 – Desenvolvimento do roteiro turístico.

Fonte: Camila Trindade, 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o trabalho permite ao leitor um conhecimento mais profundo sobre a localidade de Vigia de Nazaré, assim como o patrimônio cultural existente na cidade que é desconhecido por muitos dos que visitam o estado..

É importante ressaltar que o trabalho é apenas um pequeno passo diante da vasta cultura local, assim como o grande potencial turístico do local. O estudo não pretende solucionar todas as problemáticas ocorrentes no local, mas despertar no leitor o interesse em conhecer, analisar e descobrir novos eixos de pesquisa, mais aprofundados, que possam ser trabalhados em Vigia.

Para tal objetivo é importante que o patrimônio histórico esteja bem cuidado, para que o território possa ser explorado e desenvolvido, e para que não perca sua identidade original do espaço e da cultura de seus habitantes. A história de sua fundação é importante tanto para o contexto paraense, quanto para o contexto nacional, já que Vigia foi um cenário de grande importância durante o período da colonização brasileira.

Por fim, chega-se ao resultado de que Vigia é uma cidade grande valor cultural, que ainda precisa de análises mais específicas para a conservação de seu patrimônio. Além disso, levanta-se como questão a potencialidade do turismo na cidade, que pode beneficiar não apenas a disseminação da história local, mas também contribuir na economia da cidade.

Sobre os casarões históricos, foi entendido que grande parte da população está disposta a conservá-los, mas como itens de preservação histórica, quase que como peças museais, mas não estão dispostas a assumir residências que precisam ser conservadas e protegidas para a perpetuação do patrimônio porque não possuem recursos financeiros para reverter o quadro de deterioração existente nesses imóveis.

O objetivo da proposta final, o roteiro turístico, é incentivar que novos visitantes conheçam o local de maneira que todos esses aspectos sejam viabilizados. Para que isso ocorra é importante que Vigia de Nazaré receba uma visibilidade maior, e conseqüentemente, seu patrimônio cultural seja conservado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, D. M. E. S. D. **Patrimônio Azulejar Brasileiro: Aspectos Históricos e de Conservação. Azulejo, Documento de nossa Cultura.** Brasília: Monumenta BID / Ministério da Cultura, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas: Editora Papyrus, 1994.

BESSA FREIRE, José Ribamar. (Coord.). **A Amazônia no período colonial (1616-1798).** Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 1987.

BRAICK, Patricia Ramos. MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio.** Vol.1. 1º Ed. São Paulo, 2005.

BUENO, Ricardo. **A história da economia brasileira e sua influência na cultura e na sociedade.** 1 ed. – Porto Alegre: Quattro Projetos, 2011.

CARDINI, F. **A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs.** Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 10 de novembro de 1993.

CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica – teoria e pesquisa.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.UNESP, 2001.

CLIFFORD, J. **Sobre a autoridade etnográfica.** In: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.

COIMBRA, Osvaldo. **A Saga dos primeiros construtores de Belém,** Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Cultura Vigilenga. **Artigos eletrônicos sobre a cultura do município de Vigia de Nazaré.** <https://www.culturavigilenga.com>.

CURY, Isabella. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Cartas Patrimoniais.** Edição compilada. 2 ed. Ver.Aum. Rio de Janeiro, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

MERREFIELD, 1993 apud FERREIRA, L. F. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano 5, nº 9, pp. 65-83, Publicado em jul./dez, 2000. Disponível em: <revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf&ei=1v Adelita Staniski. Cesar ISSN 1981 – 4801 UNIOESTE V.9, N.11 2014. Acesso em nov 2019.

FURTADO, Ana Paula. FRANCO, Gian Carlo. VIANA, Tiziane. **Vigia: Estudo de limites para o Centro Histórico.** Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará. Belém. 1997.

GARCIA, Cecília. **Cobogós e azulejos: designer mapeia afetivamente a arquitetura de Olinda.** 2018, Archdaily Brasil. Acessado 28 Jun 2019. <https://www.archdaily.com.br/br/890664/cobogos-e-azulejos-designer-mapeia-afetivamente-a-arquitetura-de-olinda>. ISSN 0719-8906.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas S.A.

GUZZON, Izabel A. ANTUNES, Camila S. MATIELLO, Alexandre M. **Trajetórias e vivências cotidianas em um bairro periférico: aproximações a partir de um estudo etnográfico**. *Ponto Urbe* [Portal Online], 17 | 2015 posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 27 agosto 2019. <http://journals.openedition.org/pontourbe/2783>. Acesso em 27 ago. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

ICOMOS, 1987. **Carta de Washington - Carta Internacional Para A Salvaguarda Das Cidades Históricas**. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 15, n. 15, june 2009. ISSN 1646-3714. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/343>. Acesso em: 04 dez. 2019.

ILDONE, José. **Noções de história da Vigia**. Pará: CEJUP 1991.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 14. p. 381-385. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_14.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **História e Fotos dos Municípios Brasileiros, Vigia, Pará**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/vigia/historico>. Acesso em 20 out. 2019.

JONES, Owen. **A gramática do ornamento**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

LEITE, Serafim. **História da companhia de Jesus no Brasil**. 1943. Lisboa: Portucália. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943. [Tomo IV].

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. Original: 1988.

LESCHKO, N.M.; DAMAZIO, V.M; E.L; Andrade, J.M. **Memória Gráfica Brasileira: Notícias de um campo em construção**. In: CONGRESSO.

LIMA, Maria Dorotéa de. **Ver o Peso, patrimônio e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. Dissertação de mestrado em Antropologia apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2008.

MAGNANI, J.G. **O velho e bom caderno de campo**. Revista Sexta Feira, n.1, p.8-12, maio 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; MONTEIRO, Adriane Queiroz; GRUMBERG, Evelina. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. BRASÍLIA: IPHAN, 1999

Secretaria Executiva de Cultura do Pará. **Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural**. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. _Belém, 2004. 39p. Série Informar para Preservar. Volume 1.

Secretaria Executiva de Cultura do Pará. **Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Tombamento: Lei Estadual nº 5.629**. _Belém, 2002. 39p. Série Informar para Preservar. Volume 2.

SMITH, Robert. **Arquitetura Colonial**. Livraria Progresso Editora. Salvador. 1955.

PAES, Renata. **Memória Gráfica da Arquitetura de Olinda:** Projeto apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do curso. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, 2007. https://cidadeseducadoras.org.br/wp-content/uploads/2018/01/catalogo_arquivo_final_revisado_.pdf. Orientação pela Prof. Paula Valadares. Acesso em 27 jun. 2019.

APÊNDICE

1) QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS PROPRIETÁRIOS E LEVANTAMENTO DOS IMÓVEIS.

QUESTIONÁRIO UTILIZADO EM ENTREVISTA AOS MORADORES DAS CASAS HISTÓRICAS.

Nome:

Idade:

Bairro:

Data:

- Possui alguma lembrança de determinado imóvel?
- Qual deles considera importante para o município?
- Conhece pessoas relacionadas ao imóvel?
- Se lembra de fatos que ocorreram no local? (História do imóvel)
- Quais outros usos possíveis para o imóvel em questão?

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO PRÉVIO – PROCEDIMENTO PADRÃO

- Tipo de lote (Residencial/Institucional)
- Localização
- Proprietários/Cadeia sucessória informal
- Usos anteriores
- Estilo/período prováveis
- Estado de conservação do interior
- Estado de conservação da fachada
- Pavimentos
- Elementos arquitetônicos
- Estilo/periodização provável
- Ocupado/Desocupado
- **Croqui da Planta Baixa**

ANEXOS



Mapa 6 – Mapa de Evolução Urbana de Vigia em um período de quase 400 anos.
Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso “Limites Históricos de Vigia de Nazaré”, 1996.